



O
GRANDE LIVRO DOS PINTORES,
O U
ARTE DA PINTURA,

CONSIDERADA EM TODAS AS SUAS PARTES, E DEMONSTRADA
POR PRINCIPIOS,

COM REFLEXÕES SOBRE AS OBRAS D'ALGUNS BONS
MESTRES, E SOBRE AS FALTAS QUE NILLIS
SE ENCONTRAÕ,

POR GERARDO LAIRESSE,

COM HUM APPENDICE NO PRINCIPIO
SOBRE OS PRINCIPIOS DO DESENHO
TRADUCCÃO DO FRANCEZ.

DE ORDEM,

E DEBAIXO DOS AUSPICIOS

DE

SUA ALTEZA REAL

O PRINCIPE REGENTE N. S.



L I S B O A,

NA TYPOGRAPHIA CHALCOGRAPHICA, TYPOPLASTI-
CA, E LITTERARIA DO ARCO DO CEGO.

M. DCCC.I.

S E N H O R.

O Ter sido incumbido em nome de V. A. R. da criação do novo corpo de Gravadores do Arco do Cego, cujo numero no breve periodo d' hum anno chegou a vinte e quatro, me fez conhecer que sahiaõ das Aulas de Desenho, estabelecidas pelo Augusto Avó de V. A., que Santa memoria haja, unicamente com alguma pratica de copiar, mas nenhuma dos princípios, em que esta se deveria estabelecer, menos da noticia historica dos herões, que se fizeraõ célebres nesta sublime profissaõ, naõ só para se animarem com calor a imitallos, mas tambem para chegarem a occupar hum dia no templo da immortalidade hum assento a par dos mais snblimes Mestres. Assim debaixo da protecção de V. A. R. vemos ir no seu encalço a Freitas, Costa, Silva, Eloi, Vianna, e outros, tendo sómente por Mestres o seu genio, e talento

Por este motivo, SENHOR para que fosse omnimoda a minha obediencia às Soberanas intenções de V. A. R. me resolvi a traduzir,

e fazer traduzir, e imprimir tudo, quanto se tem escripto a este respeito, deixando aos meus pobres adidacticos a escolha das doutrinas, que devem seguir, dos modelos, que devem imitar.

Pobres, SENHOR, chamo; porque, sem outra despeza mais que a do seu jornal, procuraõ, no seio de sua propria pátria, fazerem-se illustres na sua profissaõ ao contrario pois dos que viajaõ, a fim de aprenderem, que avessados com o gosto daquelle leite, que fõra dos seus lares os alimentou, nunca lhe perdem o amor, e ficaõ, esquecidos da sua arte, sendo gravosos ao Estado. O Exame dará a prova

He com o maior respeito

De V A. R.

Humilde Vassallo

Fr. José Mariano Velloso.

1

P R E F A Ç A Õ
DO TRADUCTOR FRANCEZ.

O TALENTO superior que Lairese mostrou em todas as partes da Pintura , e as bellezas admiraveis de todos os generos , que caracterizaõ a maior parte de seos chefes-d'obras , faráo eternamente precioso o conhecimento dos principios da arte que tinha adoptado para si , e os processos , que empregou para a elevar a hum sublime gráo de perfeição ; o que fez dizer a hum homem de genio e de gosto , cujo juizo não póde ser equivoco , que » *o grande livro dos Pintores de Lairese* » se , de tanto soccorro aos aprendizes , lhe mereceo o titulo de Bemfeitor das artes » que seus trabalhos illustraraõ » (1) pelo que esta obra foi traduzida em muitas linguas , e obteve o seu author o reconhecimento , e elogios de todos os artistas , e

A de

(1) Gessner , Carta sobre a Paisagem.

de todos os verdadeiros conhecedores que soberaó aprecialla.

Com effeito ninguem talvez profundo melhor , que Lairese todas as partes da pintura ; ninguem ajudou huma theoria mais bella e mais sublime á principios melhores e mais solidos ; e ninguem , ao menos , desenvolveo , a meu ver , d'hum modo mais luminoso , nem mais sinceramente os segredos de sua arte. Alguns pintores , na verdade , indicáraó o que era preciso fazer-se , porém neuhum , como o nosso author , ensinou o como.

Nascido com huma paixáo incomprehensivel pela pintura , dotado d'hum genio ao mesmo tempo profundo , e poetico , como tambem d'hum espirito agradável e nutrido pela leitura dos melhores authores classicos , e d'hum couhecimento singular da historia e da fabula , Lairese inventava com admiravel facilidade ; e sem possuir a mesma correcção de desenho que Poussiu , merecco igualmente ser comparado á este celebre artista (1), tanto por seu grande modo de compor , como por sua attenção escrupulosa em observar as regras da historia , e o costume

(1) Deo-se lhe o nome de Poussin Hollandez , titulo de qual se fez quasi sempre digno.

me dos povos antigos. Suas composições são ricas, embellesadas de tudo, quanto permite o objecto, sem que nisso haja nada superfluo ou inutil. Ahi se descobre ao primeiro golpe de vista as principaes figuras distinctas de todas as outras, que não são mais que accessorias: E cada figura tem ar e acção proprias a caracterisar a paixã actual de sua alma; de sorte que reconheceo sem equivoco, o Deos, ou Heróe que elle representou:

Conheceo muito bem tanto a animação e expressã que resultaõ do meio caminho da acção, que indica naõ somente o que tem precedido, como o que deve seguir do movimento que faz a figura. Sabio, engenhoso, e claro em sua allegoria, as fez mui bellas e nobres. Tractou a architectura como grande mestre, e homem, que tinha continuamente debaixo dos olhos os monumentos de Athenas e de Roma. A perspectiva linear lhe era familiar, e via-se pelas suas pinturas, á que ponto possuio a magica da perspectiva aerea e visual, sobre a qual dá idéas novas em seus escriptos. O lançado de seus panos, sempre feliz, era no gosto dos grandes mestres da Italia. Os apanhados são simples, largos, amplos, e provaõ que elle

IV

conhecia o effeito do peso especifico dos estofos, como tambem sua rigidez, ou sua flexibilidade natural. A lição da sua obra nos fará conhecer tambem os principios que prescrito se tinha sobre o colorido; principios que se achão confirmados pelos toques firmes, e delicados de seu pincel, como pela belleza e veracidade de sua cõr. Era igualmente habil em representar todas as qualidades de metaes, e de marmores, e sobre tudo era taó excellente em pintar o baixo relevo de marmore branco, de maneira, que chegava a enganar a vista mais perspicaz, como se pôde conven- cer por alguns fragmentos deste genero, que existem em Amsterdaó: talento que deve sem duvida ao estudo particular, que tinha feito da natureza e da qualidade das cores, como da vantagem que hum pin- cel habil pode tirar. Em huma palavra, não ha alguma parte da arte, sobre que elle não tivesse adquirido conhecimentos profundos por longas meditações e huma practica ardente e continuada; estes conhecimentos, torno a dizer, elle os communicou, e expoz com huma clareza e especie de bondade, que fazem igual- mente honra á seu espirito e á seu cora- ção.

Naõ

Naõ he pois sem algum fundamento , a meu ver , que nos lisongeamos que se verá com gosto apparecer a traducção , que o desejo de ser util me fez dar , do *grande Livro dos Pintores* de Lairese , taõ digno , em quanto a mim , de se achar entre as mãos dos novos artistas , e dos que se abrasaõ do desejo de levar a sua arte á maior perfeição ; e esta mesma vista de utilidade he , a que me determinou a naõ perverter a ordem , que o author deu a sua obra , nem o modo , com que exprime as suas idéas , as quais nos limitamos a dar com fidelidade e clareza. A unica liberdade , que nos permittimos , foi ommittir muitas comparações , muitas vezes longas e sempre inuteis á arte , que o author naõ aventurou sem duvida , se naõ com a vista de procurar algum alivio ao espirito de seu leitor. Talvez se desejaria que nós tivessesemos igualmente ommittido alguns esboços , que Lairese traça dos quadros , que emprega para fazer comprehender melhor seus principios ; porém nos persuadimos que da extensaõ , que estas direcções daõ á obra , e a inutilidade , de que poderaõ parecer á huma certa classe de leitores , achar-se-ha naõ menos , depois de hum exame reflectido , proprios para fazer

zer conhecer a sabedoria do author , e o modo engenhoso e simples , com que faz inculcar seus preceitos em todas as partes da arte , pondo-os por assim dizer , em obra nestes quadros. Pensamos pois que era necessario conservallos todos precisamente , conformando-nos ao axioma de Plataó , que Lairesse cita em sua prefacção : » Que não deve haver pejo de dizer » duas vezes a mesma cousa , sendo dita » com acerto. » Nós pusemos no principio do *Grande Livro dos Pintores, os principios do desenho* do mesmo author , de quem tinha apparecido Luma traducção á muito tempo , e que não temos feito senão rever sobre a segunda edição Hollandeza , de sorte que apparecia por addicção de duas lições , e algumas passagens que se não encontrão na primeira. Lancemos agora hum golpe de vista sobre a vida do nosso artista.

Gerard de Lairesse , nascido em Liege em 1640 , era filho de Reinier de Lairesse , bom pintor no serviço do Principe de Liege , para o qual trabalhava com Bartholet , cujo estillo era mais agradável e a còr mais macia ; no mais eraó i-guaes em merecimento (1).

Pa-

(1). Poder-se-ha apreciar o talento de Bartholet pelo ar-

Parece incerto , se o pai de Laïresse , ou Bartholet tivesse sido seu primeiro mestre ; porém he de crer que aproveitasse no principio as lições de ambos, e que pelo tempo adiante os estudos de Bartholet na antiguidade , e nas ruinas de Roma , seu compendio das melhores estampas de Pousin , e de Pedro-Teste acabassem de formar o gosto e o estillo do mancebo Laïresse , que consultou mais que tudo muito bem as gravuras de Teste , como se pôde ver em seus primeiros desenhos.

Depois destes primeiros estudos , Laïresse deixou sua patria , onde o animavaõ pouco , e se passou para Utrech ; porém naõ se achou mais felis , pois se vio reduzido , pelo ultimo recurso , a pintar para-ventos , e bandeiras ; quando hum de seus vizinhos o aconsellhou o enviar duas de suas Obras a Vilemburg famoso mercador de quadros em Amsterdaõ , que soube com effeito apreciar o seu talento , e que obrigalo pelas instancias de Joaõ Van Peé , e de Gribber , que entaõ era o seu pintor , se transportou no mesmo dia

rebatamento do Profeta Elias , que representou no Zimborio dos Carmelitas descalcos em Paris ; por huma adoraçãõ dos Reis que se vê na Sacristia dos grandes Agostinhos , e por hum bello tecto nos jardins reaes Thuïleries.

dia para Utrech a buscar Lairese , para lhe trabalhar em Amsterdaõ. Na manhã seguinte a sua chegada a esta Cidade Lairese subio a officina de Vilemburg , onde foi o theatro , em que se lhe apresentou hum panno , lapis , e huma palheta. Depois de estar por algum tempo immovel , e mudo diante do cavalete , puxou o nosso artista debaixo de seu capote huma rebecca , a qual tocou , e depois debuxou a passagem do Menino Jesus em o presepio ; depois disso tornou a tomar a rebecca e tocou , pegou de novo em os pinceis e acabou ao primeiro talhe , em duas horas , a cabeça do Menino , da Virgem , de S. Jose , e do Boi , d'hum modo taõ bello , que encheo d'admiração á todos os espectadores pela facilidade e graça de sua obra.

Lairese fez no espaço de dous mezes grande numero de quadros para Vilemburg , que os vendeo bem caros , o que deu reputação ao nosso artista , que se aproveitou disto , para os vender como seus proprios , e tirar hum partido mais vantajoso de seu talento.

Seria penoso escrever-se , e crer-se tudo , quanto foi capaz de executar em hum tempo taõ breve ; porque , além de muitos grandes tectos , que pintou , encheu os
quar-

quartos e gabinetes com seus quadros ; deixou tambem huma prodigiosa quantidade de desenhos a lapis , e aguarellados ; sem fallar em suas gravuras a agua forte , que Visscher compillou em huma obra completa *in folio* , cuja maior parte de objectos são da mão de Lairese ; de sorte que , se não tivesse sido taõ grande pintor , seria celebre por suas gravuras , que são trabalhadas d'hum modo grande , espirituoso , agradavel , e facil. Hum exemplo de sua grande facilidade tornará verosimil tudo , o que acabamos de dizer. Apostou pintar em hum dia , sobre hum grande panno , Apollo , e as Musas no Parnaso , e o conseguiu a final. Pretende-se , de mais a mais , que Apollo fosse hum retrato semelhante á Bartholomeo Abba , seu amigo , que o veio ver ao meio dia.

Em 1690 , na idade de 50 annos , foi Lairese tocado da cegueira , o que se attribue á luma grande applicação da gravura á agua forte , e á candêa , como o dá a entender elle mesmo. Porém á pesar desta desgraça conservou sempre hum fundo d'alegria , como se verá pela leitura de suas obras ; e ainda que tivesse muitas vezes momentos de tristeza , buscava destruilla , tomando a flauta , ou a rebeca , que

tocava muito bem ; e unia á musica hum gosto decidido pela poesia , que cultivou tambem com algum successo ; o que deu occasiaô a hum poeta Hollandez , de dizer a seu respeito.

« Elle pinta em poesia , e descreve na
» pintura. »

Porém o que sobre tudo o consolou , foi o amor , que lhe restou , a huma arte , que elle tinha adorado , e sobre a qual se satisfazia em conversar com seus amigos , aos quaes designava hum dia na semana , para virem ouvi-lo ; de modo que era , na expressaô do traductor Alemaô *dos seus Principios de Desenho* , o centro d'hum circulo d'artistas , aos quaes communicava suas luzes. E quando se despediaô traçava com greda sobre hum grande panno suas idéas , que fazia copiar por hum de seus filhos , e que a sociedade das artes de Amsterdaô fez depois imprimir debaixo da revisaô do mesmo Laïresse.

Depois de ter assim completa a sua util carreira , morreo Laïresse de idade de 71 annos em Amsterdaô , e foi enterrado pela sociedade das artes desta Cidade a 28 de Julho de 1711 ; naô tendo , de que se censurasse , senaô da grandissima propensaô para o amor e prazer , que produ-
zi-

ziraõ a desgraça de sua mocidade , e que o deixaraõ sem recurso , quando a privação de sua vista não lhe permittio mais restabelecer sua fortuna.

He espantoso que M. Descamps pretenda, que se não possa accrescentar nada aos elogios que Lairese deu ás produções de Glauber , de quem Lairese não disse huma so palavra em sua obra ; porém he , sem duvida , mais de admirar , que o nosso artista guardasse este profundo silencio a respeito de hum amigo , que se hospedava com elle , que presidia ás conferencias academicas , que se fazia em sua casa , cujas encantadoras paisagens elle encheu , á muito tempo , com suas figuras elegantes.

Lairese tinha tres irmãos , Ernesto que era o mais velho , Jacques , e Joaõ seus irmãos menores. Ernesto se distinguio felizmente pela pintura de todos as qualidades de animaes , de que compoz em tempera hum grosso compendio , no principio do qual estava o seu retrato , e que elle vendeo ao Principe de Liege , que o enviou á sua custa a Roma. Morreo em Bonna , de idade de 40 annos.

Jacques que era irmão o posterior do nosso artista , excedia em pintar flores , e

occupou-se tambem de figuras em pedra, ou camafeus, porém com menos felicidade.

Joaõ, o mais moço dos irmãos, applicou-se, como Ernesto, a pintar animaes; porém não teve o mesmo talento que elle.

Deixou Lairesse tres filhos, dos quaes o mais velho, chamado André, applicou-se ao negocio e commercio, e morreo nas Indias, os outros dous, Abraham, e Joaõ, exercitáraõ a pintura igualmente, como seu tio Jacques, de quem se fallou com elogio.

Naõ daremos aqui o catalogo dos quadros conhecidos de Lairesse; porém diremos taõ somente alguma cousa das grandes obras deste artista, que naõ são sujeitas a mudar de lugar.

Ve-se em Liege, na Igreja de Santa Ursula, a penitencia de Santo Agostinho, e seu Baptismo; saõ dous grandes quadros.

O Martirio de Santa Ursula, na Igreja deste nome, em Aix-la-chapelle.

O salaõ do Castello de Soesdyk, em Hollanda.

O antigo theatro de Amsterdaõ, que se queimou a alguns annos, era tambem obra d'elle.

Hou-

Houbraken deu , nas *Vidas dos Pintores Holledezes* , huma ampla descripção das obras em baixo relevo , que Laireffe fez , para adornar a casa de M. de Flines , em Amsterdaõ , e que bastariaõ para immortalisar o nosso artista pelo bello genio , grande conhecimento , e riqueza da composiçaõ allegorica , que alli se encontra.

P R E F A C Ç A Õ

D O A U T H O R,

PARECERA' sem dúvida singular, que hum homem cego ouse publicar huma obra, escrita por si mesmo sobre huma arte taõ difficil, como he a pintura, e se pensará que elle teria algum poderoso motivo, que o determinasse a huma igual empreza; no que se não enganaráõ. O amor, que sempre tive á minha arte, e o desejo de ser util aos novos artistas, me empenharaõ a tomar este trabalho; tanto mais porque os escritores que até ao presente tractaraõ da pintura, se entregaraõ antes em tecer hum pomposo elogio desta arte, e dos que a praticaraõ, do que em traçar os principios solidos para adquirilla, e para levalla ao grão de perfeição, a que póde chegar. De outra parte, o desgraçado estado, a que me vejo reduzido, me tem violentado a buscar meios de occupar utilmente o meu espirito. Tenho pois lugar de esperar qualquer indulgencia sobre a pouca ordem e methodo, que reinaõ nesta obra que tenho composto por fragmentos, occupando me ja de huma parte, e ja da outra, segundo me permite a situação de minha alma, e sem que tivesse sonhado no principio publicar as idéas, que longas meditações, e huma prática de muitos annos me fizeram nascer

sobre huma arte , que tem formado o encanto da minha vida. Porém movído depois pelas solicitações dos meus amigos , que faziaõ gosto de vir conversar comigo sobre os principios . que eu me tinha formado , compuz hum corpo d'obra , na esperança de que pudessem servir d'algum soccorro aos discipulos. Esta empreza era difficil sem daviada , e merecia muita circumspecção da minha parte ; tanto mais que eu me recordava sem cessar dos trabalhos que tenho tido em executalla , d'hum modo digno d'arte , e que satisfaza por mim mesmo as idéas , que meu espirito tinha concebido.

Com tudo o gosto de satisfazer á pergunta dos pintores dos Paizes Baixos , que muitas vezes me fizeraõ a honra de tomar por juiz em suas questões sobre a arte , ainda que não fosse digno , me fez vencer todo o temor , e toda a difficuldade. Não se pense por fim , que pretendo que as regras , que proponho , bastem para conduzir ao artista á perfeição ; eu não as dou , pelo contrario , senão como simples ensayos proprios para recordar suas idéas ; da mesma sorte que eu me lembro que huma massa de neve , e hum carvão de fogo me tem feito ver muitas vezes cousas , que certamente não existem nem em huma , nem em outra , e que sei bem que o menor indicio basta algumas vezes , á hum espirito bem organizado , para fazer rapidos progressos , como nos ensina a historia da vida de muitos celebres artistas.

Se tenho dilatado mais sobre humas partes , do que outras , he por que humas me parecem merecer mais attenção , ou exigir serem mais bem discutidas , por cõusa das difficuldades , que offercem ; e que , quando se me leraõ as provas para a impressaõ desta obra , achei que não tinha

explicado assás claramente as minhas idéas e que por conseguinte era necessario desenvolvellas melhor, conformando-me ao sentimento de Platao: *Non enim tædet bis dicere, quod bene dicitur.*

Com facilidade se perceberá que, estabelecendo os meus principios sobre a pintura, tenho proposto fazer conhecer a sua utilidade; que depois produzi as provas dos defeitos, que resultão de não os observar e que, ao mesmo tempo, indiquei os meios de os remediar; para que por este methodo se aprenda a conhecer as bellezas da arte, e seus recursos, como tambem o erro daquelles, que pretendem submittella a idéas arbitrarias. Talvez se me accusará de prescrever regras, que não tenho eu mesmo observado em minhas obras; eu me convencerei bellamente desta verdade. Porém he necessario contemplar-se, que, no estado da cegueira, em que me acho actualmente, a minha memoria he melhor e o meu espirito mais tranquillo e mais reflectido; e que, por conseguinte, posso ajuizar mais saãmente do bem das cousas, do que no tempo, em que o goso da vista permittia entregar-me com ardor á prática da minha arte.

Se se encontrar que algumas estampas desta obra não tem toda a perfeição que se deseja, posso segurar que este defeito, que he assás ordinario não se me deve attribuir; porque tenho procurado, quanto estava da minha parte, que fossem bem executadas. He preciso tambem, que eu anticipe ao leitor que as duas estampas, que servem de representar as proporções do corpo do homem, e da mulher, foraõ absolutamente mal reduzidas pelo gravador. Quanto aos erros e faltas, que podem ter escapado em o texto, não posso culpar absolutamente senão a mim mesmo.



PRINCIPIOS DO DESENHO ,

OU

M E T H O D O B R E V E E F A C I L

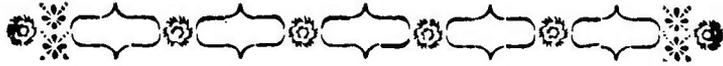
PARA APRENDER ESTA ARTE EM POUCO TEMPO.

*Advertença necessaria para intelligencia
deste Tractado.*

TODO o mundo conhece , que hum toucado agradavel ajuda ao enfeite d'huma bella fizio-
mia , e que hum estillo corrente tem grandes en-
cantos para fazer gostar d'hum escrito. Com tũ-
do não he a minha intençãõ empregar aqui ter-
mos exquisitos , nem fallar destes successos ex-
traordinarios , taõ conhecidos dos historiadores ,
para representar diffusamente , aos que amaõ o
desenho , a excellencia , a utilidade , e o poder
desta arte. Não tenho em vista senãõ a instruc-
çãõ dos meus leitores , por ser o unico alvo , que
eu me proponho. Eis-aqui , o que tem causado
a incertesa , em que á muito tempo tenho presisti-
do sobre a forma , que daria á esta obra , para
poder ser util e agradavel ao leitor ; e para po-
der elle mesmo tirar o maior fructo possivel. Pen-
sei dever seguir o exemplo dos mais habeis es-
critores do nosso seculo que tractaraõ taõ dig-
namente o mesmo objecto , ainda que deixassem
no esquecimento certas cousas muito uteis ; po-
rém não deve isto causar admiraçãõ ; porque es-
ta arte he taõ vasta , que não se poderia jamais

possuilla com perfeiçãõ, nem tambem fazer conceber toda sua a extensaõ. Pareceria talvez estranho que , convencido desta verdade, tenha eu mesmo ousado expor-me á igual empreza. Porém , animado sempre pelo espirito da pintura , julguei que o mais seguro meio de repellir meus desgostos no estado infeliz da cegueira , em que me acho , era executar o melhor , que me fosse possivel , e conforme o fraco alcance de meu espirito , o plano , que tinha traçado , quando gosava ainda da vista. Não he que me não recorde o ter já havido muitos escritores , que tractaraõ a mesma materia , servindo unicamente para isso de termos differentes , ainda que a fundo não tenhaõ feito mais do que copiarem-se huns dos outros ; o que sem duvida me embaraçaria dar á luz este Tractado , senão esperasse apresentar alguma cousa de novo. Apesar disto não duvido que muita gente me achará culpado daquillo mesmo , que reprehendo nos outros ; porém me consolarei facilmente ; porque o ceo me tem feito a graça de esforçar-me para vencer os maiores trabalhos. A perda só da minha vista parecia formar hum sufficiente obstaculo , e roubar-me toda a esperança de chegar ao fim de meu designio ; porém , penetrado das bellezas da minha arte , von tentar o impossivel , e encarregar-me de fazer meus conhecimentos uteis , aos que a amaõ. He tambem preciso que eu dê as graças a Deos , de que tocado de meu triste estado , elle tem illuminado os olhos do meu entendimento , fortificado minha memoria , e conduzido minha maõ. Porém , quando se lembrassem de criticar-me , ou por causa da simplicidade de meu estillo , ou de algumas pequenas individuações , em as quaes julguei dever entrar , e que se trate a minha obra por fogo de criança , nada me embaraçaráõ , com
tan-

tanto que este jogo todo pueril, como lhes parece, seja util áquelles, á quem se destina. De mais disso, penso que hum modo simples de se enunciar produzirá mais effeito do que hum estillo florido, que seria aqui inutil, e nenhuma impressão faria sobre o espirito da mocidade. Naõ he pois como orador, o que ja disse, que me mostro ao Publico; porém como hum homem, que, encantado de sua arte, a tem traçado sobre o panuo d'hum modo claro e intelligivel para todo o mundo, e de donde meu filho á tem trasladada para consagralla á todos, os que amaõ o desenho. Ainda que eu naõ dê aqui senaõ os primeiros principios, para uso da mocidade, naõ ha alguem, a quem este livro naõ possa servir de grande utilidade, para chegar ao conhecimento de todas as bellas artes; taes, como a pintura, architectura, gravura, escultura, agrimensura, etc., que se naõ podem aprender senaõ com o lapis na maõ. Além disso, fiz annexar aqui estampas com todas as figuras necessarias, para ajudar a mocidade aproveitar-se melhor das minhas idéas, e naõ tenho deixado passar cousa alguma, a este respeito, de tudo quanto lhe pode ser util. Só a inveja pois he que póde achar aqui alguma cousa que criticar; porém ella se tem feito conhecer á tanto tempo, que eu naõ receio os seus ataques. Eu me lisougeo mesmo que seus tractos os mais vivos se enfraquecerãõ contra o escudo, que lhes opponho, quero dizer, a minha insensibilidade. Demais, se meus leitores querem tomar o trabalho de correr com atençaõ, e do principio ao fim este pequeno escrito, eu naõ duvido que achem nelle muito mais, do que naõ parecia prometter-lhes no principio. Em fim, se este tractado lhes agradar, eu me confessarei obrigado a dar lhes logo outro para o adiantamento da pintura.



PRINCIPIOS

DO

DESENHO,

OU

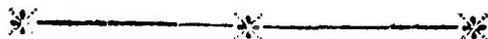
MEIO BREVE E FACIL PARA APRENDER ESTA ARTE
PELOS ELEMENTOS DE GEOMETRIA.

DO mesmo modo que o alfabeto ou conhecimento das letras serve de introdução á grammatica, tambem a geometria he o primeiro passo, que nos conduz ao desenho, ao qual senão pode chegar bem sem ella, bem como a outra qualquer arte ou a outra qualquer sciencia. Com effeito he pela geometria, e por meio dos traços ou das linhas, que nos aprendemos a conhecer a longitude e latitude dos corpos; o que he recto ou curvo, o que he horizontal, perpendicular ou obliquo; o que he redondo, oval, quadrado, hexagono, octogono, arqueado, concavo, ou convexo; em huma palavra todas as figuras e todas as formas imaginaveis. E como não existe algum corpo, que não tenha alguma destas formas, he necessario começarmos por instruir nisto aos rapazes, que querem applicar-se ao desenho e ainda mesmo empregallos nisso, até que estejam bem penetrados. Se eu tivesse muitos filhos, não quereria que algum delles se applicasse a huma arte, ou sciencia, menos que soubesse bem ler,

e

e escrever; quereria tambem, se eu pudesse, que aprendessem hum pouco de latim; e parece-me que na idade de dez ou doze annos, teriaõ conhecimento bastante para applicar-se entaõ á qualquer arte ou sciencia. Eu ponho de mais dez annos para amadurecer o espirito, e dar voo ao genio, o que nos conduz a vinte e dous annos. Inda accrescento mais dez para regular e escolher o genero de vida, que se quer seguir; o que fiz trinta e dous. Tomemos outros dez annos, para chegar a perfeiçaõ, ou na theoria, ou na prática, o que completa quarenta e dous annos. Desta idade até aos cincoenta, e dali por diante, se lá se chegar he o tempo proprio para adquirir hum grande nome, e consolidar a sua fortuna.

Assim he que eu divido a vida de hum pintor. Com tudo o Ceo dispoem á sua vontade: hums avançaõ mais na carreira e outros proseguem mais tardos; ainda que de outra sorte o trabalho he inutil, quando falta o genio: *absque ingenio, labor inutilis*. Em fim, a experiencia nos ensina que o meio mais seguro de ter successo feliz no desenho, he sujeitar-se á elle debaixo de hum habil mestre; applicando-se á elle com cuidado, e constancia; o que, em todas as sciencias, he o melhor meio de se tornarem faceis as cousas mais difficeis.



L I Ç A Õ I.

PARA dar a hum alumno sólido fundamento da Arte do Desenho, e conduzi-lo ao que nella ha de mais particularidade, deve o mestre romper pelo trabalho de começar pelos principios mais simples, e presistir nisso, até que elles fiquem bem impressos na memoria do menino; porque sem isso he impossivel que faça algum progresso, bem longe de chegar á perfeição.

Os primeiros elementos do Desenho consistem pois em fazer diversos traços, ou linhas differentemente lançadas; isto he o que se pôde olhar como o alfabeto da geometria.

Exemplo.

Expomos aqui no principio aos olhos dos alumnos hum ponto notado na Est. I., Fig. 1.; depois huma linha perpendicular 2; duas linhas obliquas 3; huma linha horizontal 4; duas linhas curvas 5; e huma linha mixta 6.

Os alumnos devem começar, formando-se huma idéa exacta de todas estas linhas; o que lhes não será difficil; porque vem todos os dias a figura em os objectos, que se apresentam á seus olhos.

Porém, como não he preciso que se limittem á theoria desta arte, e devaõ forcejar, para adquirir a prática; o mesmo mestre pôde trazar estas linhas sobre huma pedra, e ensinar-lhes á imitallas com hum ponteiro. Nenhuma duvida ha, que elles aproveitariaõ, depois do ensino de tres ou quatro dias; porém, faltan-

do-lhes ainda alguma cousa á este respeito, será fácil ao mestre mostrar-lhes de que modo devem pegar no lapis ou no ponteiro, e como o devem ter para formar estes traços de hum modo elegante, e desembaraçado. Porque, acostumando-se discipulos no principio á hum máo methodo, se fiz mais difficil corrigillos ao depois do que fazellos tomar hum bom no principio. Feito isto, póde o mestre passar a novas Lições e a novos exemplos.

O mestre que tiver dous aprendizes, quasi de hum mesmo tempo, poderá desde já conhecer, por esta primeira Lição, taõ simples, como parece, a differença do talento, e do genio de hum e do outro; porque muitas vezes acontece que, o que brilhava mais no Collegio, desempenha menos aqui. Hum mais desembaraçado que seu camarada formará de repente seus traços com humia máo expedita; em quanto o outro, mais tímido traçará os seus com humia máo indecisa e tremula, e, por consequente, os deitará a perder. Esta differença deve em geral, ser attribuida á differente educação, que se dá aos meninos. Por isso he necessario acostumarlos desde logo á applicarem-se á seus exercicios com toda a attenção possível; recordando-se do preceito d'Horacio (Liv. II. Epist. 2.): *Que hum vaso conserva muito tempo o cheiro do primeiro liquor, que se lhe injandio.*

Por outra parte o mestre que tem prudencia deve observar attentamente o humor e inclinação de seus discipulos, para conduzillos todos a seu alvo inda que sejam de hum caracter differente. Deve saber tambem de que modo predica portar-se, para instruir a mocidade com successo, e accommodar-se á inclinação do genio.

De-

Deve-se evitar tudo , quanto pôde fazer qualquer obstaculo ao adiantamento dos discipulos , e ter em vista hum meio proporcional entre o relaxamento e a grande severidade, ainda que a doçura he sempre o meio mais seguro. Boas palavras e modos honestos fazem infinitamente mais impressã sobre a mocidade do que huma violenta reprehensã , que he mais propria para o que tem a palmatoria , do que para quem tem a palheta , e o pincel, que devem ser manejados voluntariamente, e com prazer. Além disso , hum mestre não deve já mais deixar-se impacientar, quando tambem elle he obrigado a voltar mais de huma vez sobre a mesma cousa ; sobre tudo , quando vé , que seus discipulos fazem o mais que podem , para comprehender suas lições , e pollas em prática.

He certo que os principios são sempre mais custosos ao mestre ; porém recebe hum preço mais suave , quando vé que o discipulo faz constantemente novos progressos , e promete distinguir-se algum dia. He preciso pois que se não enfade de repetir muitas vezes a mesma cousa , porque a memoria , e concepção da mocidade são fracas , e delicadas , e a brevidade , servindo-me para isto do proverbio Latino : *Brevitas memoriae amica* , lhes he de grande soccorro.



L I Ç A Õ II.

HE deste modo , que nós corremos adiante de tudo , o que pôde ajudar aos alumnos ; e que bem longe de suffocar este nobre ardor , que se vé luzir de mais a mais na mocidade , nos empregamos a conservalo ; porque muitas vezes acontece que bellos genios venhão a perder-se pela severidade com que se trataõ. Ha outros muitos , aos quaes he inutil ter recebido da natureza hum genio proprio para a pintura , porque , pela iguorancia , dos que os instruem , elles o empregao mal , e a vez de que , se tivessem liabeis mestres , teriaõ sem duvida perfeitamente sido felices.

Naõ se deve pois já mais forçar á hum rapaz a aplicar-se á huma arte - para a qual naõ se sente com propensao ; porque tudo , o que se faz por constrangimento , excita o desgosto. Bem se pôde ensaiar , na verdade , sua inclinacao a este respeito ; porém como hum bom cavallo naõ tem necessidade de espora , da mesma sorte o genio do discipulo naõ deve soffrer alguma violencia. Cumpre pelo attractivo do agrado estimular o natural , que de mais diso naõ quer ser opprimido. A arte da pintura , sobre tudo , requer , desde os primeiros principios , ainda que pareça desagradavel , hum modo livre ; por isso he necessario ensinalla , para assim dizer , folgando. Naõ he necessario abraçar muitas cousas d'huma vez , nem accumular tudo junto , para evitar a confusao. Prosegue-se com segurança , quando se marcha a pequenos passos , em quanto correndo se arrisca a tropeçar , e tambem cahir , e naõ poder
por

por muito tempo levantar-se. Para este effeito, depois de ter ensinado a tirar huma linha recta, obliqua, transversal, curva ou mixta (no que os alumnos procuraõ muitas vezes excederem-se huns a outros, ainda sem conhecer a utilidade); hiremos pouco e pouco mais adiante (embora pareça pueril este methodo) introduzindo nos em sua conducta; e fazendo-lhes ver, porque acabaõ de aprender esta primeira liçaõ, a necessidade que ha de a saber bem.

He preciso pois examinar com cuidado se estas linhas saõ, como devem ser; para louvar os discipulos do que tiverem feito bem, mostrando-lhes com doçura as faltas, que poderiaõ ter commettido, e indicando-lhes o meio de as corrigir. Este methodo faz mais impressaõ sobre os que começaõ, do que os discursos mais estudados; porque he preciso que façaõ entaõ mais uso de seus olhos do que de seu espirito. Isto os anima a seguir o exemplo de seu mestre e a imitallo. Elles se exercitaraõ depois por si mesmos á tirar estas linhas, e a disputar entre si a quem as traçará d'hum modo que se chegue mais ao original.

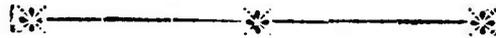
A segunda Liçaõ, que damos á nossos discipulos, parece definir se primeira, e não parece de maior consequencia. Eis-aqui.

Exemplo.

A figura num. 7. da mesma Est. I. he hum circulo com hum ponto no centro, num. 8. he hum quadrado com hum ponto no meio; num. 9. he hum triangulo igualmente com hum ponto no centro; num. 10. offerece duas linhas perpendiculares e parallelas; num. 11. saõ duas linhas muito mais curtas, perpendiculares e pa-

parallelas; num. 12. são duas linhas mais compridas e fechadas, parallelas, e perpendiculares; num. 13. apresenta duas linhas tambem curtas como as do num. 11, porém mais apartadas huma da outra, perpendiculares e parallelas; num. 14. he hum circulo com huma linha recta, chamada diametro, que o atravessa pelo meio; num. 15. he hum quadrado com huma linha perpendicular e huma horisontal que o separão igualmente pelo meio; num. 16. he hum triangulo equilateral com huma linha perpendicular que o parte em dous, de alto abaixo, e huma linha horisontal que a parte ao travez.

As figuras que apresentamos aqui aos olhos dos alumnos, não lhes pareceraõ difficeis de imitar; por estarem já exercitados em traçar linhas. Será não menos conveniente obrigar los a occuparem-se com cuidado, lisongeando-os com a esperanza de lhes dar logo cousas mais agradaveis e mais essenciaes para fazer.



L I Ç A Õ III.

DEvos de ter feito conceber bem aos discipulos, o que he hum circulo, hum triangulo, hum quadrado, de que se tem falado na Lição precedente; se lhes ensinará traçallos correctamente por meio do compasso e da regua, de que o primeiro serve para formar circulos, e a outra para tirar todas as sortes de linhas rectas sejaõ perpendiculares obliquas, ou horizontaes; promettendo algum premio, ao que fizer melhor. Depois em lugar de pedia e ponteiro, se serviraõ do lapis e papel, e se haõ de passar, ao mesmo tempo, a terceira Lição.

Dar-se-lhes-ha tambem aqui alguns novos exemplos que tendem aos precedentes, e se lhes ensinará a medir com o compasso, para saber, qual he a longitude, e largura, e altura. Para este fim se lhes ajunta a medida, que he d'hum pé, notada por duas linhas transversaes; Fig. 17. Est. I., a que se segue, he hum terço, e a terceira he hum quarto. Deve-se tambem ensinar-lhes os termos d'arte, que formaõ, para assim o dizer, o seu alphabeto.

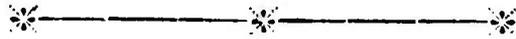
Exemplo.

Figura 17 Est. I., he, como acabamos de dizer, a medida de hum pé; num. 18 he humma pedra quadrada de hum pé de largo e de dous pés de alto; num. 19 he humma semelhante pedra estendida ao comprido; num. 20 he hum quadrado dividido em tres partes iguaes; num. 21 he hum circulo com seu diametro horizontal; num. 22 he hum triangulo com humma linha

nhã tirada de cada hum de seus angulos sobre hum de seus lados; os num. 23, 24, e 25, são tambem linhas parallelas, perpendiculares, horizontaes, e obliquas.

Se fará copiar esta lição aos discipulos, do mesmo modo que a precedente, lisongean- do-os de occupallos logo com cousas mais es- senciaes. Hum mestre habil não se limita a per- guntar-lhes, se comprehenderão bem os exem- plos, que se lhes deraõ; porém os obriga a tra- çallos de novo em sua presença; porque acco- teco algumas vezes que o tenhaõ feito bem, mais por acaso, do que pelas regras da arte. De- pois de os achar desembaraçados ácerca disso, passa a huma lição mais importante. Deste mo- do he que elles formaõ huma justa idéa do con- torno, e da disposição, que devem ter todas as figuras, que se lhes apresentar. Com effeito, as- sim como os que aprendem a lér, se applicaõ no principio a conhecer bem as letras, depois a pronunciallas, e em fim a lér; da mesma sor- te devem ser, os que se applicaõ ao Desenho; porém não he preciso já mais tratallos d'hum mo- do tão imperioso como affectaõ os mestres de es- colla, nem imprimi-lhes temor; para não exigir delles mais do que huma honesta e racionavel differença. Deste modo hum discipulo novo, que tem disposição fará sensiveis progressos. Con- templarã com prazer todos os objectos, que o cercaõ, e quando perceber que a natureza e arte o favorecem elle se animará de dia em dia, e elevará o seu espirito a grandes consas. Acontece o mesmo a respeito dos discipulos como aos meninos que aprendem a andar pe- la fita; porque pôde-se dizer que os homens são verdadeiros meninos, naquillo que não sa- bem; e os mancebos, bem instruidos, são ho- mens

mens feitos antes que tenhaõ tocado a idade viril. Nós temos já feito deixar o compasso, e a regua a nossos discipulos, e os temos louvado de terem huma maõ firme em tudo, o que traçaõ. Avancemos agora mais longe, pondo-lhes diante dos olhos algumas figuras feitas com Arte.



L I Ç A Õ IV.

DEIXEMOS pois aqui a terra, para ir vagar por hum espaçoso mar, onde os novos viajantes terão grande necessidade de melhor piloto do que o era Palituro, que surprehido do somno, cahio nas ondas, e perdeu a vida; porque o que não tem bons principios, será sempre hum máo imitador. He pois essencial que os discipulos tenhaõ hum habil mestre, que lhes ensine os verdadeiros fundamentos da Arte e que se não contente com elementos superficiaes; porque, com boas instrucções, pôde dar, em pouco tempo, grandes luzes aos que são activos e diligentes. Assim os Lacedemonios costumavaõ escolher hum dos mais illustres, e mais habéis de seus magistrados, para vigiar sobre a educação da mocidade do seu Pais. Porém hoje os bons mestres são tão raros, como os homens de bem. De sorte que com razão se lastima, que quantidade de genios excellentes, nascidos com talento, vem a ser máos Pintores, só pela razão de serem mal instruidos. He preciso convir em que a natureza tem muita força por si mesma, sem se lhe ajuntar a instrucção e que esta he impotente sem o soccorro da natureza; porém pôde dizer-se que a natureza he cega e a Arte lhe não illumina os oibos. A natureza começa

ça a abrir seu fertil seio , e a apresentar-nos huma infinidade de cousas , das quaes misturamos algumas com outras artificiaes para animar ao nosso novo alumno pela representação do que lhe he já conhecido ; porque sabe-se que os meninos se affeioão com bem vontade a traçar objectos , que se representaõ diariamente á sua vista ; e assim he que a natureza imprime logo em seu espirito , o que concorda com sua inclinaçãõ. Naõ menos confesso que estas saõ as menores obras da Arte , e que he infinitamente mais bello saber pintar o homem , a mais nobre das creaturas , do que todos os objetos da natureza morta. Com effeito , que pôde haver mais glorioso , e mais digno d'Arte , do que representar hum ser animado de hum sopro divino , e que se pôde olhar como hum pequeno mundo , que nos apresenta em summa , todo o systema da creaçãõ ? Por isso mesmo haveria maior imprudencia em lhe pormos a maõ , e nos resultaria maior vergonha , do que teve Promethen , quando roubou o fogo do Ceo , para animar o homem , que tinha formado á imitação do de Jupiter. Assim vamos continuar pelas cousas mais faceis , para chegar , pouco a pouco , ás que saõ mais elevadas.

Exemplo.

A fig. 26 da Est. I. mostra hum pote de agua ; 27 huma jauella ; 28 hum cópo de vinho ; 29 hum arco ; 30 hum taboleiro de damas ; 31 huma colher de pedreiro ; 32 huma bacia de barba ; 33 hum coração ; 34 huma pá ; 35 hum trevo ; 36 hum losango ; 37 huma lata de chá ; 38 huma taça ; 39 huma maçã ; 40 huma pera ; 41 duas cereijas ; 42 hum pecego.
Saõ

São sem duvida , cousas communs , porém que são agradaveis de fazer á mocidade. Ellas podem tambem servir , aos que tem o espirito formado , para entrar com mais franqueza no seu palacio da natureza , e elevarem-se ás mais sublimes delicadezas da Arte. Com effeito , ainda que estas figuras sejaõ , por assim dizer , sem corpos , e se reduzaõ a linhas rectas , curvas , obliquas , etc. ; he de huma necessidade absoluta o aprendellas , porque se lhes achaõ todas as especies de linhas , e de formas ; e quando se sabe traçar bem os contornos destas bagatellas , nada ha a cujo fim senaõ possa chegar. Por exemplo , a colher do pedreiro , fig. 51 , quasi naõ vem a ser outra cousa mais do que hum triangulo. O colo do pote d'agua , fig. 26 , he huma especie de quadrado ; o bojo he huma circumferencia , e o pé triangular. Porém quando se faz o bojo deste pote primeiro se deve tirar o lado direito ; depois o esquerdo , principiando sempre de cima para baixo. O mesmo digo dos lados do pé , que depois he preciso alinhar com igualdade. Feito tudo isto , tirai huma linha perpendicular pelo meio do pote , e vereis entaõ se está mais grosso de hum lado do que do outro. Assim he necessario executar todas as cousas segundo as regras da Arte para que naõ falte nada. Deste mesmo modo se firmará , pouco a pouco , a maõ , cujos traços serãõ sempre desembaraçados em tudo , o que se desenhar , ou seja no esboço , ou ao depois de acabado ; em vez de que , desprezando-se estes principios , naõ se fará mais do que trabalhar ao acaso , e naõ se chegará nunca á exactidaõ , nem á hum perfeito conhecimento da Arte.



L I Ç A Õ V.

PARA chegar pois a este desembaraço de traços, e á exactidaõ, de que acabo de fallar, proporei o exemplo seguinte.

Exemplo.

AA da figura 43 da Est. I. notaõ duas linhas rectas perpendiculares. BB duas linhas rectas horisontaes. CCcc quatro linhas obliquas. Não se vê aqui no principio, senão linhas, que já são conhecidas pelo nosso discipulo, e que elle sabe traçar com justeza. Porém em lugar de as chamar simplesmente duas linhas perpendiculares, horisontaes, ou obliquas, ensinallasemos a chamallas parallelas. Todos os traços da Arte devem ter seus nomes particulares, e isto he muito util, como adiante se verá. Não devemos pensar, senão em imprimir no discipulo huma idéa exacta das cousas, a medida que nós as traçarmos, para que não obre ás cégas, e não abraçe a sombra pelo corpo. Por isto não o accumularemos de hum montaõ de exemplos, que só serviraõ de embaraçallo, em lugar de lhe serem uteis. Buscaremos na verdade dar-lhe algumas vezes hum exemplo ou huma comparação; porém será isto sempre de hum modo breve, preciso, e conveniente ao objecto, ao menos, quanto for possivel. Porém quando estivermos mais adiantados, lhe apresentaremos figuras mais complicadas, segundo o que pedir o caso.

Demais disso, he necessario advertir, que a linha horisontal de cima se chama o horisonte,

te, e ò pequenò olho , que se vê no meio, chama-se aqui o ponto de vista. As duas linhas, que sahem deste olho, e todas as mais, que se lhe poderem tirar, são raios visuaes. A linha horizontal debaixo he a linha de terra. As duas linhas, tiradas d'hum e d'outro lado do horisonte, se chamaraõ linhas de distancia. Assim damos a cada huma destas linhas o nome, que lhe convém, e que se devem imprimir bem na memoria. Tambem ha ali huma linha em travez, que se avizinha mais do horisonte do que da linha de terra, e se diz, que he huma parallela ao horisonte; em vez de que se estivesse mais chegada a linha de terra, se diria, que he parallela á linha de terra.

Agora, para recrear o espirito dos discipulos, se lhes pôde dar, de tempos em tempos, para folhear, hum livro de estampas, ou de figuras desenhadas pelos mais sabios mestres. Esta vista excita na mocidade huma emulaçaõ toda particular. Porém he necessario ver, que as estampas estejaõ em livro a parte, e as figuras desenhadas em outro; porque estas duas qualidades de cousas são propostas aos discipulos em vistas differentes. As estampas serviraõ pois para os divertir, ao mesmo tempo que recordaõ o seu espirito. Quando elles tem examinado huma, se enfastiaõ de hir a seguinte, para ver, qual será a composiçaõ. Os nomes dos sabios mestres, que as tem gravado, e que se lhes ensina, junto com os elogios, que se lhes dá, os enchem d'hum novo ardor; sobretudo, aos que as concideraõ com alguma attençaõ, que estaõ resolvidos a applicarem-se toda a sua vida á pintura, fazendo-se habéis, a adquirir huma grande reputaçãõ nesta arte. A'ém disto, pôdem notar nestas estampas, o que elles já

já tem aprendido, e deste modo certificarem-se de mais a mais nas regras da arte. E quem senão animaria a seguir estes tres grandes modelos? quando ali se vê hum desenho correcto e elegante, figuras nuas de bella escolha, de movimentos graciosos, de paixões bem expressas (1) hum panno bem lançado, posturas pintorescas e concordantes, huma magnifica architectura, ornatos de bom gosto, huma bella composição, variedade nos toucados, e vestidos, segundo o costume dos differentes povos, como a armadura dos Gregos, dos Romanos, dos Persas, etc; n'huma palavra, tudo quanto se pôde encontrar nas melhores gravuras. Porém tudo aquillo se vê inda melhor nos desenhos dos habéis mestres, e se pôde tambem tirar mais vantagem porque alli se aprende a manejar o lapis ou o pincel d'hum modo facil, em vez de que não se saberia perceber o feitiço destes mestres em as gravuras, onde tudo está invertido, ou, para assim dizer, vai ao contrario, do que mostra.

De modo que, se se der aos nōvos aprendizes hum livro de gravuras, e outro de desenhos, se esquecerão destes, depois de lançarem os olhos sobre as primeiras. Porém, não tendo á vista senão figuras desenhadas, e que elles as correm de passagem, tomão nisso tanto gosto que sua imaginação fica tocada, e se fortifica de dia em dia. Ainda que eu tenha sido
mais

(1) He bom enviar aqui ao excellente *Tratado das Paixões de Brun* fazendo observar que se deve ter cuidado em procurar a edição original de P. Picart que he muito mais correcta e que, além disso, foi augmentada com muitos rostos, depois das edições contrafeitas que apparecerão.

mais extenso, do que pensava no principio. li-sonjeo-me de que o leitor me não terá levado a mal; porque, o que acabo de dizer, não pôde servir senão á perfeição da arte.

Torno pois ao exemplo proposto. Os nossos novos aprendizes conhecerão logo por si mesmos, porque, e em que vista, se traçaraõ as linhas, que ali vem; o que lhes dará hum novo ardor. Notaraõ tambem que todas as cousas tendem para seu centro; e que o meio de fazer seguros progressos he não affastar-se das regras d'arte. Para isto he que todas as figuras geometricas, que acabamos de traçar, e que te-rraõ aprendido a fazer, lhes seriaõ muito importantes; porque, deste modo, estaraõ em estado de darem razãõ de tudo, que fizerem.

Talvez, se nos dirá, que seria já tempo de examinar os progressos dos nossos discipu-los, e que seus pais se impacientaõ por saber, se elles tem propensaõ para esta arte. Eu não duvido da alegria destes, quando sabem que seus filhos principiaõ a aproveitar-se. Tudo, quanto podemos dizer nesta occasiaõ, he que hum tem a concepção menos facil e o espirito mais timido do que o outro; e que, para cor-rigilo destes defeitos, he preciso polo com ou-tro, que tenha mais fogo e vivacidade; porque he o meio de animar ao primeiro e tornalo mais desembaraçado, como tambem de mde-rar a petulancia do segundo, que se pode en-tregar mais hum pouco á sua imaginação. Este methodo produz logo hum bom effeito d'ambos os lados, e outro que attrahe mais respeito ao mestre. De mais disto, he verdade que todos os espiritos não são igualmente proprios para a pin-tura; porém não se saberia decidir taõ precipi-tadamente; porque os discipulos devem ser a
 prin-

principio firmes no desenho , p̄ra lhes dar depois exemplos mais difficeis de imitar , e exercitallos a manejar o pincel , para os pôr , pouco e pouco , tambem em estado de pintarem figuras humanas , que são os objectos mais perfectos , que nós conhecemos. Para isto he preciso que os discipulos saibaõ desenhar bem todas as partes , com este maravilhoso arranramento , e esta bella symmetria , que se lhes nota , sem desprezar o admiravel encadeamento das juntas que as reúne. Entaõ se poderá descobrir , como em hum fiel espelho . a que pôdem chegar ; se ao menos aprendem a traçar bem todas estas partes , segundo as regras da arte , tudo o mais , ainda que difficil seja virá por si mesmo ; e assim he que nos os conduziremos ao que nisto ha de mais perfeito.

Com tudo este methodo não agradará a todo o mundo , sub pretexto de que se não quer fazer os meninos mais que simplics desenhadores ; o que não redundaria , nem em seu proveito , nem em sua gloria ; além do que todo o mundo conhece , que este nobre exercicio he de huma grande utilidade , porque serve , para conhecer os talentos da mocidade e se tem disposiçãõ para qualquer arte , que se serve do desenho ; e que fóra deste , serve para regular a vista e formar o juizo. Não menos se vê que se criaõ os meninos , muito mais os dos grandes em todos os exercicios corporaes , sem terem quasi cuidado algum do seu espirito ; e isto he , por huma grandissima paixãõ pelas riquezas. Porém , de que lhes servirã descendem de huma familia nobre e illustre se a fortuna lhes der de rosto ? Como não aprenderaõ cousa util nada lhes restará : de sorte que se lhes pôde applicar o dito de Cataõ : *Opes fluxæ , ars perpetua.*

Além

Além disso, nada he mais proprio para a calmar o fogo da mocidade, do que o nobre exercicio do desenho; porque tudo, o que occupa agradavelmente o espirito, serve de moderar as paixões; e hum natural doce, opposto á hum espirito inconstante, forma hum agradável character como temos já notado; assim os antigos julgavaõ que o azedo e doce compunhaõ o nectar dos deoses.

Tenho achado por experiencia que hum espirito alegre brilha mais na pintura do que o humor sombrio e melancolico. O gosto natural, junto á vivacidade de espirito, produzio sempre homens extraordinarios, maiormente na pintura, que he taõ vasta e extensa, que não ha arte, nem sciencia no mundo, de que hum habil pintor não seja obrigado a ter alguma noção. A natureza dá mais vantajem a hum espirito alegre e vivo, do que a instrucção póde subministrar á outro. Assim se vé que entre os mais sabios mestres, que levarãõ esta arte ao mais alto grão de perfeição, ha muitos mais que não respiravaõ senãõ o prazer e alegria, do que, os que tinhaõ humor triste e melancolico. Raphael, Polidoro, de Caravage, Leonardo de Vinci, Pesyndel Vaga o Parmesan, Primaticce, Pedro de Cottona o Tintoret, o Giorgone, Luis e Annibal carache o Albano, o Bassan, Lanfranc e outros muitos não foraõ elles de humor alegre e cheio de vivacidade?

» Ainda que os passares tenhaõ azas para voar,
 » disse hum escritor, com tudo as fechaõ, quan-
 » do querem pousar ». Pode-se dizer tambem que os pintores, que tem o espirito vivo, e ardente, tambem tomaõ descanso; porém, quando os espiritos cobardes e pesados se querem esforçar a hum voo, elles se assemelhaõ ao des-

graçado Icaro, cujas azas artificiaes não puderão sustentar no ar.

Finalmente, he certo que não se saberia obrar melhor, do que occupar a mocidade no estudo e nas sciencias; porque, quer a fortuna lhes falte, quer não, tem sempre isto por sua parte, e são então devedores á seus pais da boa educação que receberão. Assim os Pitagoricos tinhaõ razão de dizer que: » A » virtude he o fundamento das Cidades; e a » prosperidade dos estados depende da boa » educação dos meninos ». Accrescentai á isto que a natureza quasi nos conduz sómente ao interesse particular, e que a educação nos ensina a contribuir ao bem publico. A natureza nos faz aspirar a liberdade, ao mesmo tempo que a educação nos ensina a obediencia. Quantos bellos genios senão vem, que lastimaõ a falta de serem cultivados. Horacio mesmo nos ensina que a educação o eleva sobre o natural. O que nisso ha de mais triste, vem a ser, que o mundo corrompido não sente o seu mal; de modo que com razão se pode exclamar: *oh tempos! oh costumes!* e com razão dizia Cicero, que os homens, para assim dizer, bebem com o leite, todas as desordens e tresvários, em que se precipitaõ.



L I Ç A Õ VI.

Não se pode pois, ainda que se tenha a habilidade que for, julgar d'alguma cousa, que respeita á arte em geral, menos que senão possua a fundo o desenho, e que se tenha aprendido todas as suas partes. Ninguém ha, por huma razão mais forte, que possa dar seu parecer sobre hum quadro, nem decidir, se o pintor observou nelle todas as regras, não sabendo elle mesmo, em que consistem estas regras. He pois, a meu ver, huma grande inconsequencia da parte de certos amadores, que se consideraõ habéis, e que mesmo passaõ por taes, de fazer hum montão de todas as sortes de quadros, sem saber, o que compiaõ, se he de ouro ou de cobre; e de dar hum grande preço por huma obra, que nada vale; o que não pôde não ser senão da sua ineptidaõ. Com tudo, o mundo está cheio destes pretendidos conhecedores, que não julgaõ d'hum quadro, senão pelas cores brilhantes, que tocaõ seus olhos, incapazes de darem razão de nada. Porém se a arte recebe alguma vantagem da sua ignorancia, se pôde dizer, que não soffre mais algum prejuizo.

Além disto, he necessario notar, que se desenhaõ os objectos visiveis, medindo sempre a olho a distancia, que vai d'huma parte a outra; e que para se firmar a mão, se deve aprender felizmente o modo de manejar o lapis, ou o carvão de madeira; o que consiste em ter hum ou outro entre o pollex e index, e apoiallo sobre a ponta do dedo do meio, que deve estar hum pouco encurvado. O carvão de madei-

ra esteve sempre em uso, he verdade; porém parece-me que vale mais servir se do lapis que he mais proprio, e cujo traço he mais bonito; além disso, he mais facil de apagar se com miolo de paõ. Comtudo penso que o carvão de madeira he melhor, para os que principiaõ, e o lapis, para os que tem já feito algum progresso.

O principal objecto do desenho consiste em fazer hum bom esboço; e por este motivo he necessario dar-lhe huma grande attençaõ. Alguns, por exemplo, para copiar huma estatua, principiaõ pela cabeça, que acabaõ com tudo, o que depende, e concluem depois o resto da figura de alto abaixo. Deste methodo se lhes segue, em geral, hum grande mal, porque fazem deste modo a cabeça, ou muito grande, ou muito pequena; de sorte que resulta hum todo disproporcionado, e que não concorda com o original; o que provém, de que elles não observaraõ bem as distancias, de que acabamos de fallar. Aquelles pois, que quizerem executar bem, se lembraraõ em tudo, o que tiverem de desenhar, de distinguillo no principio em suas differentes partes; de medir as distancias com o dedo, ou lapis, sem compasso e julgar a olho, o que o acostuma pouco e pouco á justeza, que he a nossa principal guia, como tenho já dito mais d'huma vez. Assim, quando se tiver copiado o exemplo seguinte, do modo que o tenho já ensinado, e se possuir bem este methodo, tudo o mais virá a ser facil.

Exemplo.

Para se desenharem os dous objectos, que se vem distinguidos em differentes partes na Fig. 44. e 45. da Est. I. se traçará no principio o
pe:

pequeno, e depois o grande. Tirareis, com o vosso carvaõ de madeira, huma linha em cima, notada *a*; outra no meio, notada *b*; e a terceira na base, notada *c*. Vereis entaõ, se a figura póde entrar no espaço, que lhe destinaes. Continuareis depois a notar as partes menores até o fim; e passareis finalmente a traçar a figura. He facil ver, por este resumo, que a geometria he aqui d'huma absoluta necessidade, e que sem ella se não póde traçar nada justo sobre o papel.



L I Ç A Õ VII.

HE necessario copiar com cuidado os exemplos, que se vem na Est. II. O primeiro he hum oval, ou a forma de hum ovo. O num. 2 offerece hum rosto dividido em differentes partes. Os olhos estão n'huma distancia, que poderia ter alli a terceira entre os dous. O nariz tem o terço do comprimento do rosto. A boca tem tanta largura, como hum olho. As orelhas estão ao nivel dos olhos por cima, e da raiz do nariz por baixo, seja comprida, ou curta a distancia, conforme poder ser. Em a segunda cabeça, num. 3, vê-se a mesma divisãõ em comprimento, e largura; porém a figura, e as proporções da cara são differentes: a primeira he huma sexta parte mais comprida que larga; e a segunda he quadrada. Pelo que respeita ás mãos são duas vezes mais compridas que largas; e cada huma de suas partes tem seu proprio comprimento, largura, e grossura: vede as fig. 4, 5, e 6 da Est. II. O comprimento de hum pé he huma sexta parte do talhe de hum homem, e he

he de cinco oitavos mais comprido que largo; vede as fig. 7, 8, e 9 da mesma Estampa. O comprimento do rosto, e das mãos deve ser exactamente igual e faz tudo jasto o decimo da altura de huma pessoa. Deve-se notar, além disso, que estas são proporções as mais regulares, tanto nos homens, como nas mulheres; e ainda que hajaõ poucas pessoas, que se assemelhem, não ha, quem se exceptue desta regra.

He preciso dar, ao mesmo tempo outros exemplos; como a figura dos olhos, do nariz, da boca, e das orelhas, que se fará copiar com cuidado, e grande attenção. He necessario tambem ter exemplos onde as sombras são notadas, e que eu chamo sombras corporaes, taes como as das fig. 10, 11, 12, 13, e 14 da mesma Est. II.; em quanto ás fig. 1, 2, e 3 desta Estampa não mostraõ senão o simples traço, ou contorno da cabeça.

Naõ se tem, digo eu até aqui visto senão os contornos, passemos agora a encher, dando-lhes relevo por sombras para fazer o que se chamaõ corpos sólidos. Para isto pois só falta dispõr as sombras o que pede, que se acostume a desenhar com a sanguinea, e a notar os traços crusados de hum modo claro, e distincto sem os desenhar com pó, ou graons, como o ensinaõ alguns mestres.



L I Ç A Õ VIII.

OS exemplos que se dão na Est. II. , fig. 10, 11, 12, 13, 14, 15, e 16 mostraõ, de que modo se deve manejar o lapis , e nos fazem ver, ao mesmo tempo, que, para formar as sombras, he necessario, que os entalhes naõ sejaõ compostos senaõ de dous traços, que se cruzaõ, ou, em caso de necessidade, de tres para as sombras mais fortes; e que, para o relevo, ou redondeza, naõ ha mais que hum só. Nos recantos, onde os fundos, ou cavidades exigem toda a força do lapis, he necessario empoar, ou granisar, e seria hum enfado inutil empregar-lhe mais de tres entalhes huns sobre outros, como se mostra nestes exemplos. He preciso pois copiallos com cuidado, dar-lhe todo o tempo preciso, e naõ apressar-se; porque, desenhar pouco de huma vez repetir muitas vezes a fazello bem, avança mais do que desembaraçar, e executar com presteza muito, e trabalhar apressadamente.

Para imitar pois bem estes exemplos, e todos os outros, he preciso ter traçado o contorno, tornallo a tomar com a sanguinea; depois disto se apaga com miolo de paõ toda a imperfeição do lapis, ou do carvão de madeira. O que feito, se retoca ligeiramente, por aqui, poralli, todos os cantos, que se póde ter embaçado, esfregando-os, como saõ cabellos, olhos, nariz, boca, dedos, orelhas, o contorno, etc. Observar-se-ha, naõ se fazer traços senaõ muito subtis nos contornos que recebem a luz, e aclarar mais, os que fazem as sombras. Assim he que o contorno parece natural, e as

figuras humanas , ou outros objectos , que se desenha tem huma belleza e graça toda particular. Depois se principiará a sombra por hum simples traço , porém assás forte todavia , principiando de cima , para conduziillo insensivelmente até abaixo , com a maior igualdade nas distancias que for possivel. Depois se passará a tinta clara , ou a redondeza , que se exprimirá do mesmo modo por simples traços mais , ou menos ligeiros , segundo os objectos , que se tem á vista ; por que as meias tintas não devem já mais ser encrusadas. Eis-aqui estamos nós bem adiantados , e pôde-se dizer , que está a obra meia feita. Para acaballa , e dar toda a força conveniente ás sombras , he preciso dobrar-lhe os traços , e tambem triplicáilos , sendo necessario , como já o dissemos acima. Não resta mais que examinar a copia para vér se he conforme ao modélo ; e achando-se que as sombras não são bem fortes , se poderáo retocallas.

Notemos agora , o que as duas columnas num. 15 e 16 da Est. II. nos offerecem relativo ao objecto que tratamos. O lado de cada columna , que he igualmente illuminado se chama *extremo claro* da mesma fórma , que se dá o nome de *extrema sombra* , ao que he de hum escuro igual pelo todo ; em quanto , o que está virado para a extremidade da superficie , ou da circumferencia , se chama *relevo* , ou *redondeza* , por causa de que huma columna he tão redonda por diante , como pelos lados ; ou , melhor , se chama *meia tinta* ; porque a luz alli se diminue , e se desvanece. O mesmo se pôde observar não sómente em columnas mas em todos os outros corpos redondos , que tem hum lado , onde a luz se diminue , e se perde ; quero dizer,
em

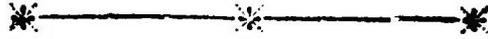
em huns mais, e n'outros menos. Do mesmo modo he a superficie do abaco, ou quadrado assentado sobre o cume das nossas duas columnas; e he entaõ o que se chamaõ *tintas fugitivas*. A *meia tinta* toma este nome por causa de ter hum meio entre o extremo claro, e o extremo escuro ou sombra, e de reunir por conseguinte estes dous extremos. Supponhamos, além disso, que huma destas duas columnas seja tambem carregada de baixos relevos, como a de Trajano, ou de Antonino; naõ menos se dirá que tem ella, em geral, suas luzes extremas e suas sombras extremas, ainda que cada figura terá alli suas luzes, e suas sombras particulares.

Será, como hum cacho de uvãs, de que cada bago, tomado separadamente, tem sua luz, e sua sombra; porém que, reunidos, juntamente, daõ ao cacho toda a sua redondeza.

Pelo que respeita aos entalhes, feitos com a sanguinea, he provavel que os aprendizes os acháraõ mais difficeis de executar, do que se fizessem com granitos estes lados; porém elles verãõ logo que lhes servem, para lhes firmar a mão, porque he de extrema importancia, que os traços sejaõ todos da mesma grossura, e de huma igual distancia entre si, para que as tintas escuras, ou claras se distingãõ melhor; o que faz que exijaõ mais juizo, e exactidaõ; porque se deve saber ao justo o effeito, que produziraõ dous ou tres ou quatro traços, que se crusaõ huns aos outros; o que naõ pôde acontecer, quando se empoaõ, ou se graniseõ estes lugares, como he facil de conceber. He sem duvida inutil o fazer a apologia, por nos demoramos tanto tempo sobre estas circumstancias, porque ellas naõ podem servir, senãõ para darem firmeza, e

presteza á mão, como também grande justeza ao olho.

Talvez parecerá singular que dé eu aqui o mesmo exemplo de tres, ou quatro modos diferentes; o que pensei necessario, não sómente por causa da variedade, que alli se vê, e de que se perceberá logo copiado; porém, sobretudo para que se tome huma idéa mais exacta da volta dos entalhes, como se vê na cabeça num. 13. Est. II. que está virada para traz, e naquella num. 14, que cahe para diante. Notai os entalhes, que apparecem na testa da cabeça, num. 13, e da outra seguinte, num. 14; huns volteão para cima em fórma de arco, e outros para baixo. Percebe-se melhor esta differença em huma columna, que está assombreada para cima, e para baixo do horisonte, sobre tudo se se entende a perspectiva. Bastará pois, para o presente, saber, em que circumstancias he necessario variar os entalhes, para acostumar nisso a mão; porque nisso he, que consiste o bello estillo. Porém não he isto a unica cousa, que alli ha, de observar; pois hum contorno exacto, e desembaraçado não he menos essencial á huma obra, que, não o tendo, não póde ser bella, nem agradavel.



L I Ç A Õ IX.

DERORA de ter fallado até aqui das cabeças, das mãos, e dos pés, como tambem do maneo da sanguinea, passaremos insensivelmente ás figuras. Apresento aqui aos discipulos outro exemplo para observarem nelle a estrutura das differentes partes do corpo, e seu encaixe. Debuxaráõ pois as duas figuras 1 e 2 da Est. III., em grosso ou em borraõ, ou ao menos suas principaes partes, com carvaõ de madeira, naõ lhe empregando mais que traços ligeiros; porém correctos, e principiando pela figura que está em pé. Além disso, he preciso que tracem primeiro o lado direito da figura; porque, quando os primeiros traços estão sempre expostos á vista, tambem o restante segue mais naturalmente e dá menos trabalho. Em vez de que se se principia pelo lado esquerdo a mão rouba o objecto e o encobre a vista. Antes tambem que o discipulo applique o seu carvaõ sobre o papel, he a proposito e muito vantajoso, que tenha algum tempo o seu modello na mão, que o considere com toda a attençaõ possível, e que tome cuidado no modo, com que as figuras e seus principaes membros concordão juntamente; até que tenha impresso em seu espirito todas as suas posições; o que lhe dará huma grande facilidade para a execuçaõ.

Demais, naõ he ainda tempo de exigir do discipulo que faça a sua copia maior, ou menor do que o seu modelo; seria isto exigir muito delle; assim nós nos limitaremos a fazelo executar da mesma grandeza. Para que pois a Fig. 1. da Est. III. se trace do modo mais seguro e

mais exácto , he necessario que elle tire primeiro sobre o papel , com o carvão , a linha central ou perpendicular , e que reflecta sobre a relação , que deve haver entre a cabeça e o pé , sobre que a figura carrega , como o ensinei já na lição sexta , a respeito do castiçal e do pote de agua. Ponha depois hum ponto no lugar , onde conjectura , pouco mais ou menos , que deve assentar a cabeça , o embigo , e o pé ; e debuxe então as principaes partes da figura de alto abaixo. Feito isto , se perceberá bem , em que altura a figura seguinte num. 2 , deve principiar e se dirá elle a si mesmo , como se quizesse ensinar á outro : o alto da cabeça desta mulher deve estar em o nivel com o peito do homem onde elle assinalará hum ponto. Sua barba deve achar-se em nivel com o embigo do homem , e porá tambem hum ponto , e assim do mesmo modo em todas as outras partes até o fim ; e , deste modo tudo se achará em seu justo lugar. Porém , para executalo , he necessario que o desenhador esteja em socego , e não ouça algum ruido para poder facilmente notar as suas faltas , e vir a ser , para dizer assim , mestre , aindaque ao presente não seja mais que discipulo. Não terá mesmo quasi mais trabalho em debuxar quatro ou cinco figuras depois , ou mesmo huma vintena se o quizer , do que huma só ; porque pôde seguir a respeito de todas , o methodo que terá observado neste exemplo , que faz ver que as figuras d'huma composição procedem , d'algum modo , huma da outra. Depois de estar o debuxo tirado em borraõ ou pelo maior , e as principaes partes se achão em seu justo lugar , applicará huma grande attenção em comparar a sua copia com o modelo , para ver ; se a disposiçã

está

está bem observada, e se as figuras produzem todo o seu effeito; porque se isto não for bem exactamente notado no esboço, elle experimentarás tanto trabalho e desgosto em retocar a sua obra, que perderá logo a emulação e ardor, que tinha, para o trabalho, antes de ter ametade concluida. Mas se o esboço estiver bem traçado; se o encontro das partes estiver observado com cuidado; se se lhe tiver ajuntado ou separado, o que he necessario, póde esperar-se d'hum feliz successo.

Quando se vem a passar o lapis vermelho sobre o esboço, deve ter-se cautella sobretudo que não faça desaparecer a alma, que já se lhe acha; o que facilmente acontece, se não se notaõ, quaes são as partes, que dão hum movimento natural, e acção ás figuras.



L I Ç ã ò X.

DEROIS de ter o discipulo comprehendido bem o que até aqui temos ensinado ; será o tempo de dar elle as provas do que sabe fazer no desenho , e de trabalhar sobre principios solidos e fixos. Se lhe dará entaõ hum baixo relevo , quero dizer , hum ajuntamento de duas figuras, huma representada com roupas, outra nua , para ver se tem cumprido bem tudo , o que nos temos notado sobre os esboços , composição , disposição , e a curvatura , que deve dar aos entalhes , segundo a diversidade dos objectos ; do modo que está indicado nas Fig. 3 , 4 , 5 , 7 , 8 da Est. III. Porém he necessario, mais que tudo , ter cautella , em que elle não ponha o seu modello , nem muito perto nem muito longe da luz , e que o tenha n'hum distancia taõ proporcionada que a sombra seja de huma força conveniente ; porque , quanto mais apartado estiver da luz , tanto mais parecerãõ as sombras fracas e duvidosas. Não he necessario igualmente que o discipulo esteja sentado muito perto do objecto ; porém deve achar-se n'hum distancia racionavel , quero dizer , que possa distinguir facilmente as attitudes , e sobre tudo as sombras dos olhos do nariz , da boca , e das outras partes essenciaes ; o que prova não estar elle muito retirado. Em terceiro lugar , deve por o objecto n'hum tal altura , que os olhos das figuras estejaõ ao nivel dos seus , como diremos depois , com mais extensaõ Em quarto lugar , he preciso ter cautella em não receber mais que huma luz mediocre por huma só janella ;
vis-

visto que assim se observaõ melhor as sombras do que por grandissima luz, que entra por muitas partes separadas humas das outras ; o que faz as sombras duvidosas. Seria inutil ensinar aqui ao discipulo , de que modo deve ter a sua pasta ou papelaõ , sobre que desenha porque elle o vé praticar todos os dias pelos outros. Depois que tiver copiado o baixo relevo , de que acabamos de fallar , poder-se-ha julgar , se elle está em estado de passar adiante , e desenhbar com branco e negro sobre o papel pardo , ou azulado ; porque quando se sabe dispôr bem os entalhes , torna-se facilmente mestre do resto.



L I Ç ã O XI.

DEPois de ter fallado do esboço , e da posiçaõ das figuras, na sexta e nona Lições , como tambem do ambito ou volteado dos traços , ou entalhes , na oitava ; não deixará de ser util passar ao Desenho , que se faz com pedra branca e negra , sobre o papel escuro , ou azul. Para adquirir facilidade a este respeito , não ha melhor meio , do que exercitar-se em imitar o gesso , ou os Desenhos realçados de branco ; porque o costume , segundo diz o proverbio , he huma segunda natureza. Debaixo desta vista he que representamos ao novo aprendiz cabeças imitadas do gesso , nas Est. II. e III. Mas em vez de que , sobre o papel branco , se arredondaõ os objectos pelas sombras , poupando as luzes ; deve-se , pelo contrario , poupar aqui as sombras , e arredondar as luzes com o lapis. Isto não he , porque de todo se não necessita de sombras ; porém só se precisa de pouca , e sómen-
te

te em certos lugares. Depois de se ter traçado o contorno, se desenha, com a pedra branca, as partes mais salientes e mais illuminadas, como a testa, o nariz, e as faces, que se esbate pouco a pouco não com entalhes ou traços, porém empoando sómente nos lugares, onde a luz vem a ficar, e onde se reúne com a sombra, como se póde vér sobre iguaes desenhos. Feito isto, toma-se a pedra ou lapis preto, ou vermelho, e acabaõ-se as sombras com entalhes, por toda a parte onde deve havellas. Depois se esclarecem, ou se illuminaõ os claros do mesmo modo com o lapis branco.

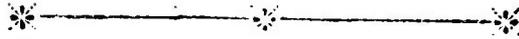
Além de ser este modo de pintar muito agradável, he o mais expedito e por consequente mais vantajoso para o pintor. Eu não vejo também, se me he permittido dizer o meu pensamento, que os entalhes sobre o papel branco sirvaõ de alguma cousa na pintura; em vez de que o outro methodo he de grande socorro. E verdadeiramente se houvessem lapis de todas as cores, o que se tivesse assim executado, não faria o effeito de huma pintura? he pois essencial instruir-se a fundo neste methodo, que, além disso, não he tão facil, como se poderia imaginar, menos que senão tenha aprendido antes a manejar o lapis vermelho. Por outra parte, não se deve deixar allucinar por hum bello modo, porque o mais bello, e o mais expedito manejo do mundo não poderia já mais fazer hum desenhador habil e completo: a exacta postura, a belleza do contorno, e a relação das partes entre si, e com o todo, são, por onde deve elevar a sua perfeição. Por isso eu recommendo também, mais que tudo, aos discipulos, não se applicarem á pintura, senão depois que hum sabio mestre tiver julgado que el-

elles estão expeditos no desenho. Não he que eu pertenda, como alguns pintores, que seja necessario empregar dezoito, vinte, ou vinte e quatro annos a manejar o lapis, antes de passar para o pincel. Bem longe disso, eu penso que he máo, se se toma, para fazer perder assim hum tempo destinado ao uso da razaõ. Porém he muito ordinario aos novos aprendizes, que se ouvem louvar, supporem-se capazes de manejarem depois em tudo o pincel, ainda que apenas saibaõ pegar no lapis. Outros ha que, cheios de ardor no principio, o perdem pouco depois. Vê-se finalmente hum terceira especie, que nada mais fazem que passar de huma cousa a outra, e que acabaõ sabendo nada; porém voltemos ao nosso objecto.

Porque temos já instruido o nosso discipulo em copiar hum Desenho, he acertado que saiba, de que modo he preciso desenhar o semblante risonho, que se vê na Est. III. num. 5. Elle não deve notar com algum traço as pequenas rugas, que estão nos lugares illuminados; porque ficariaõ muito asperos, e o fundo do papel basta para isto; ainda que todos não sejam deste parecer. Principiará pela luz mais alta, quero dizer, pela testa; dalli passará ao nariz, e assim ao mais. Mas, para conseguillo bem, fará primeiro huma grande massa de luz, que distribuirá, como temos já dito, depois de lhe ter já dado hum grande talho de força. Supponde, por exemplo, que hum rosto esteja atravessado por quatro linhas parallelas, de que huma passa pela altura dos olhos, outra pela do nariz, a terceira pela da boca, e a ultima pela da barba. Tomai depois hum papel, e cobrindo o rosto até á mais alta linha, vos vereis entaõ somente a testa. Passai o lapis em to-

do este lugar illuminado ; isto feito , abaixai o vosso papel té a segunda linha , e continuai pelo nariz que desce directamente da testa. Passai dalli as faces , aos olhos , e a tudo , o que he de sua dependencia ; e vós apprendereis assim que huma luz nasce de outra. Vinde depois á boca , e ao queixo , reservando por ultima a barba. Deste modo vireis a ser de repente meliores na semelhança , e imitação do que por outro qualquer methodo.

Agora poderá o nosso discipulo desenhar as mais bellas figuras de gesso , taes como Apólo do Vaticano , Venus de Medicis , Antonino ; o que contribuirá a dar-lhe emulação , e a fazzello , hum dia , hum mui habil mestre. Assim he , digo eu , que elle se aperfeiçoará , pouco a pouco , no desenho , e passará da imitação das figuras de baixo relevo , a desenhar a vista da natural ; porque hum he o ultimo degráo , que conduz para o outro.



L I Ç A Õ XII.

NÃo resta fazer mais do que algumas notas sobre a posiçãõ, que o discipulo deve tomar, para ver commodamente as figuras, que quer desenhar, e que se achãõ em huma altura maior ou menor. Qualquer cousa, que tiver á vista, e quizer imitar, deve sempre observar, (quando a base do objecto se acha ao nivel do olho) por-se de geito, seja de pé, ou assentado, que possa encarar o objecto, do mesmo modo que o papellaõ, donde trabalha, sem mover a cabeça, nem para cima, nem para baixo; porque, além da perda de tempo, que isso causa, o olho se distrahe, e se varia. Pelo que respeita a distancia, em que se deve ter he preciso que seja proporcionada a grandeza do objecto; quero dizer, quanto maior for o objecto; tanto mais retirado se deve estar; como faremos ver ao depois, quando falarmos do desenho a vista do natural.

He tempo de occupar-se o nosso discipulo em desenhar em ponto grande o modello, que lhe foi dado em pequeno; ou em ponto pequeno, o que elle vê em grande; porque he de huma necessidade absoluta que elle se exercite a julgar bem as proporções; e que por hum dilatado habito, o seu olho lhe sirva de regua e de compasso.

Quando o nosso dissipulo tiver chegado a este ponto, e tiver aprendido bem, o que acabamos de ensinar, he a proposito que elle examine suas forças e seus talentos; que saiba em fim, de que lado a sua propensaõ o arrebatã, e de que modo quer estabelecer-se no mundo.

Porque não ha arte , nem sciencia , de que com soccorro do desenho , não possa elle fazer-se mestre.

Assim os pais e tutores devem buscar mestres habéis para seus meninos , porque sua felicidade depende desta escolha. Seria de desejar que, os que tem meninos, se aproveitassem deste aviso , cuja pratica não deixaria de nos dar ; do mesmo modo , que em França , e Italia , grandes artistas , e excellentes mestres , que animariaõ os bons genios , que ha nestas Provincias , e que se perdem por falta de serem bem cultivados.



L I Ç A Õ XIII.

AJUNTAMOS ainda algumas reflexões sobre os diferentes modos de desenhar, que estão em uso.

O desenho á penna nos parece hum trabalho, taõ máo, como inutil, e que he mais proprio á hum mestre de escola do que a hum pintor, posto que alguns gravadores tenhão buscado introduzir este modo, que uaõ póde servir, se naõ de fazer perder hum tempo precioso aos verdadeiros artistas.

O modo mais difficil, e, por conseguinte, o mais vicioso, he fazer desenhos a lapis, para os concluir com aguada, ou tinta. Com tudo semelhantes desenhos, executados por huma maõ habil, adiante de bons quadros, saõ de grande merecimento, aindaque pouco uteis aos desenhadores, e principalmente aos novos discipulos, a quem este estillo faz perder muito tempo.

Naõ ha melhor modo de desenhar sobre o papel branco (sejaõ figuras ou paisagens, e que sirva ao mesmo tempo de principios para a gravura) do que empregar o lapis vermelho, que produz hum effeito agradavel, porém cujo maneiamento he difficil. Comtudo, servindo-se deste procedimento, naõ he necessario fazello com linhas muito desunidas, como o fazem em geral os novos gravadores, ou procurando de empóalo; mas sim fazer os entalhes ou traços d'hum modo firme e desembaraçado, e naõ os cruzando já mais duas ou tres vezes huma por cima da outra: o que forma huma maõ firme, e ensina a conhecer a forma das cousas, que se copiaõ:

O desenho sobre o papel escuro, ou azul,
fa-

fazendo os realces com o branco, como temos dito, na lição undecima, he o modo mais agradável, e o mais expeditivo; he tambem sem controversia o mais util e o mais perfeito, tanto para compor, como para desenhar diante do natural, e para depois servir, para executar hum quadro; porque he, o que tem mais commodo, compondo para indicar, com hum lapis branco n'hum esboço, as luzes claras, sejaõ d'huma luz natural, ou artificial, principiando pela parte principal, degradando tambem insensivelmente, deixando o mesmo fundo, para servir de sombras. Este estillo he tanto mais commodo, quanto he facil de estabelecer-se, com hum dedo humido, a força dos realces, e tambem destruilos inteiramente; quanto, por assim dizer, he impossivel produzir o mesmo effeito por sombras sobre o papel branco. Depois disto, pode-se formar huma idéa de quanto he agradável, desenhando a vista do natural, qualquer objecto, que for, o poder dar-lhe redondeza ou relevo por meio dos realces sós, que, ao mesmo tempo, lhe produzem as sombras, e daõ huma harmonia juntamente, obrigando sómente a indicar, por todos os lados, alguma sombra forte, produzida por grandes cavidades; para distinguir por esse lado os reflexos. No caso em que o fundo seja hum pouco mais assombreado, se produzirão os reflexos por realces fracos. Esta especie de desenho he tambem, sem controversia, o melhor para servir de modello, quando se quer empregar estes esboços em hum quadro; porque huma figura pintada á vista d'hum modello igual tem toda a verdade da natureza, excepto o colorido. Além do que, desenhando a vista do natural, goza-se, por este modo, da vantagem de poder melhor dar ao desen-

senho o movimento de vida ; porque qualquer outro exige mais tempo , o que safa por conseguinte o modelo , e produz nelle grandes mudanças.

Restanos notar : que o lapis negro faz muito melhor effeito sobre o papel escuro , ou azul do que o lapis vermelho ; por causa de que o negro tem mais rellação com estas duas cores do que o vermelho , e se conforma tambem melhor com os realces. De modo que eu aconselharia , que senão servissem já mais do vermelho , não sendo difficil achar a boa pedra , ou lapis negro ; o que para o fim he bem indifferente quando só se quer lançar seus primeiros pensamentos sobre o papel , e não de executar figuras completas , que eu quizera que se fizessem sempre á vista de quadros , ou de outros mestres , ou de si mesmo.



L I Ç A Õ XIV.

QUANDO eu era principiante , e que somente tinha huma muito fraca idéa da belleza das obras antigas , me impunha hum dever de copiar com a mais escrupulosa exactidaõ o modelo nú , que eu encontrava na academia , assim como meu pai me tinha ensinado. Porém , quando eu queria servir-me destas figuras academicas nos meus quadros , eu as achava muitas vezes taõ pouco correctas , e taõ pouco concordantes com o resto da minha obra , que aquillo me embaraçava ; de sorte que me via obrigado a fazer lhe grandes mudanças , o que me enganou muito ; naõ podendo assás admirar que a natureza mesma me conduzisse a iguaes erros , em quanto me parecia taõ bella , e mesmo inimitavel. Mas , reflectindo melhor ao depois , achei que isto vinha do pouco conhecimento , que eu tinha da antiguidade ; appliquei-me pois a estudalla com cuidado , e depois daquelle tempo , considerei a natureza debaixo d'hum differente aspectto , o que naõ tinha feito até entaõ ; o que me deu meio de corrigir o meu modello , desenhado a vista da natureza , sem muito custo ; e por assim dizer , sem o pensar. O melhor methodo , segundo me parece , para desenhlar com proveito figuras academicas , a vista do modello , he copiallo exactamente , sem lhe mudar nada ; principalmente sendo de muito bella proporçaõ por si mesmo , e quando se naõ tem ainda adquirido hum conhecimento bem profundo das bellezas da antiguidade ; occupando-se ao mesmo tempo em adquirir este conhecimento pelo estudo reflectido

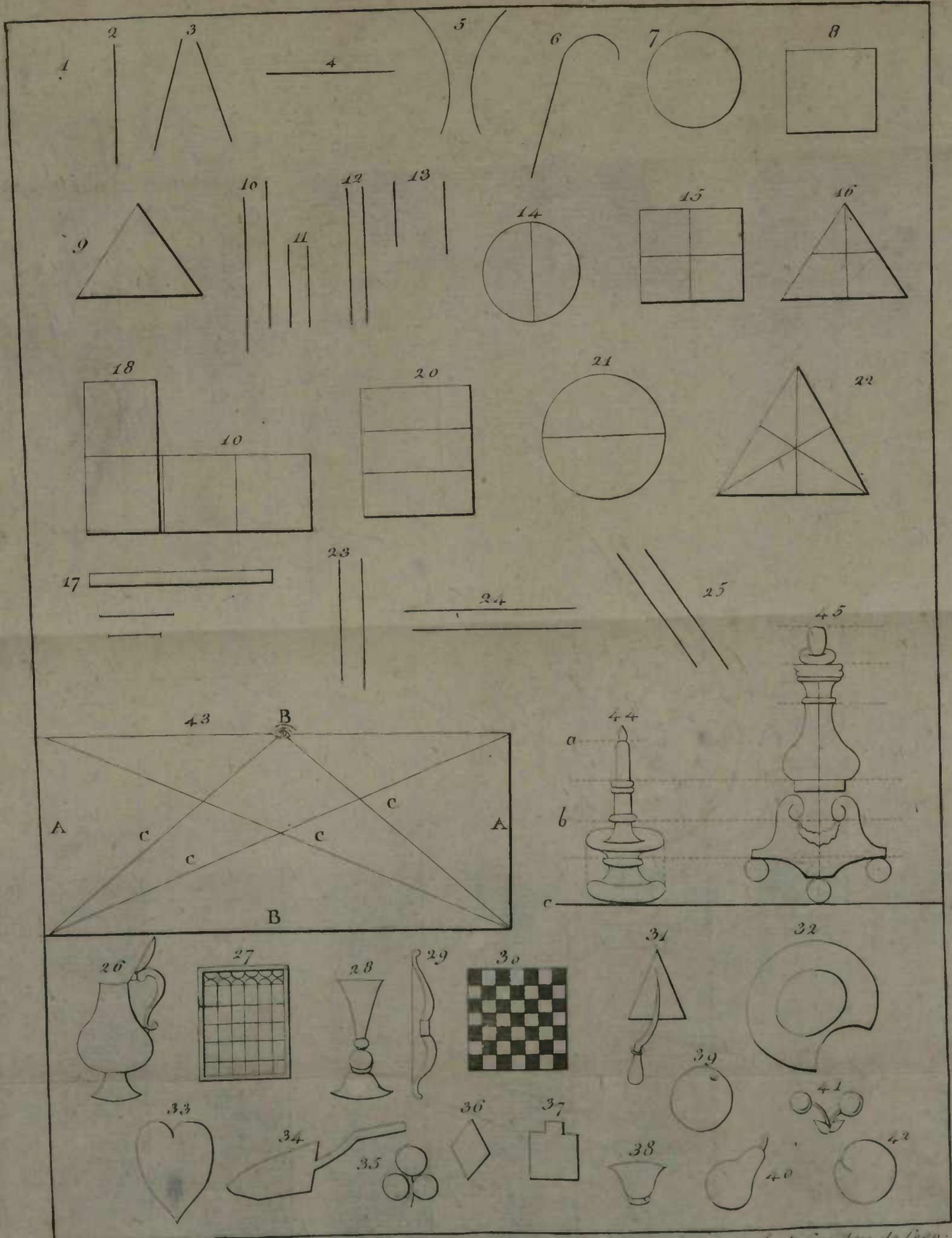
do de bons gessos , e de bellos desenhos , ou bellas gravuras ; sem com tudo molestar a cabeça, e sem fatigar o espirito ; comparando com estes objectos todas as partes de seu modello ; o que conduz a distinguir sem trabalho o antigo do moderno. Para facilitar mais este estudo , recorrerás a anatomia ; não para vos instruir a fundo nesta sciencia , mas sómente para aprender a conhecer o verdadeiro encaixe dos ossos , dos musculos , dos nervos , dos tendões , etc ; sobretudo os principaes e que se fazem notar mais , taes , por exemplo , como os musculos do pescoço , das omoplatas , das cadeiras , das coixas , das pernas , dos braços , etc ; porque sem este estudo he impossivel chegar a correcção do desenho.

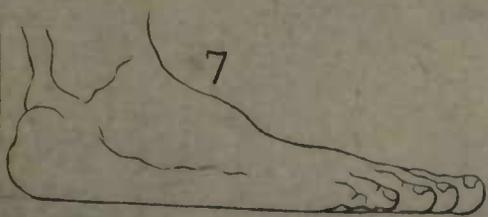
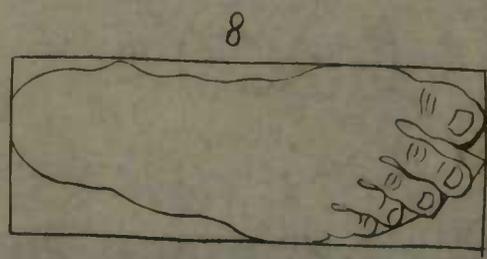
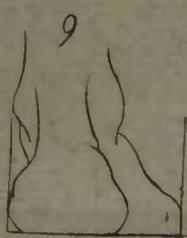
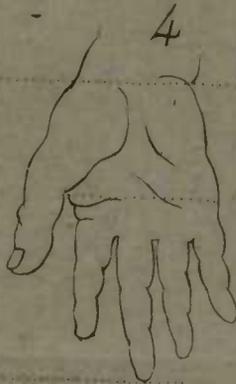
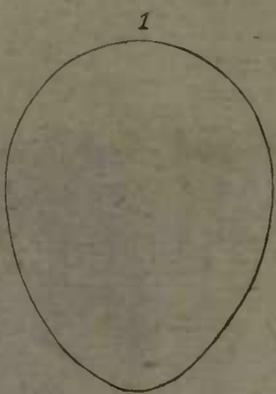
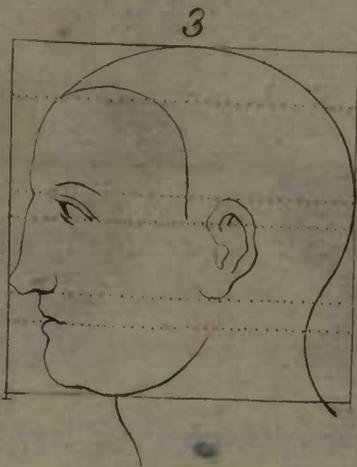
Para desenhar a vista da natureza , he necessario observar por bem : 1. A distancia , em que he necessario pôr-se do modello , para poder considerar no inteiro ou no todo debaixo do seu verdadeiro ponto de vista , e aquillo sem ter precisaõ de levantar a cabeça, como o temos já dito na duodecima lição. 2. Sua linha central ou de gravitação , quer esteja de pé , quer assentado , para que se possa conhecer , quaes são as partes que sustentaõ maior peso ; o que conduz para saber. 3. Quaes são os membros , que se achão actualmente em acção , e que musculos devem ser mais fortemente declarados. 4. A sombra conduzida sobre o plano , em que está posto o modello com seu comprimento e largura , para saber , onde he necessario assentar a figura na composição , se a direita , se a esquerda , ou no meio. Por ultimo 5. O horizonte , para que seja o mesmo, que se deve empregar no quadro ; o que he desprezado mesmo por muito bons mestres , que assentaõ in-

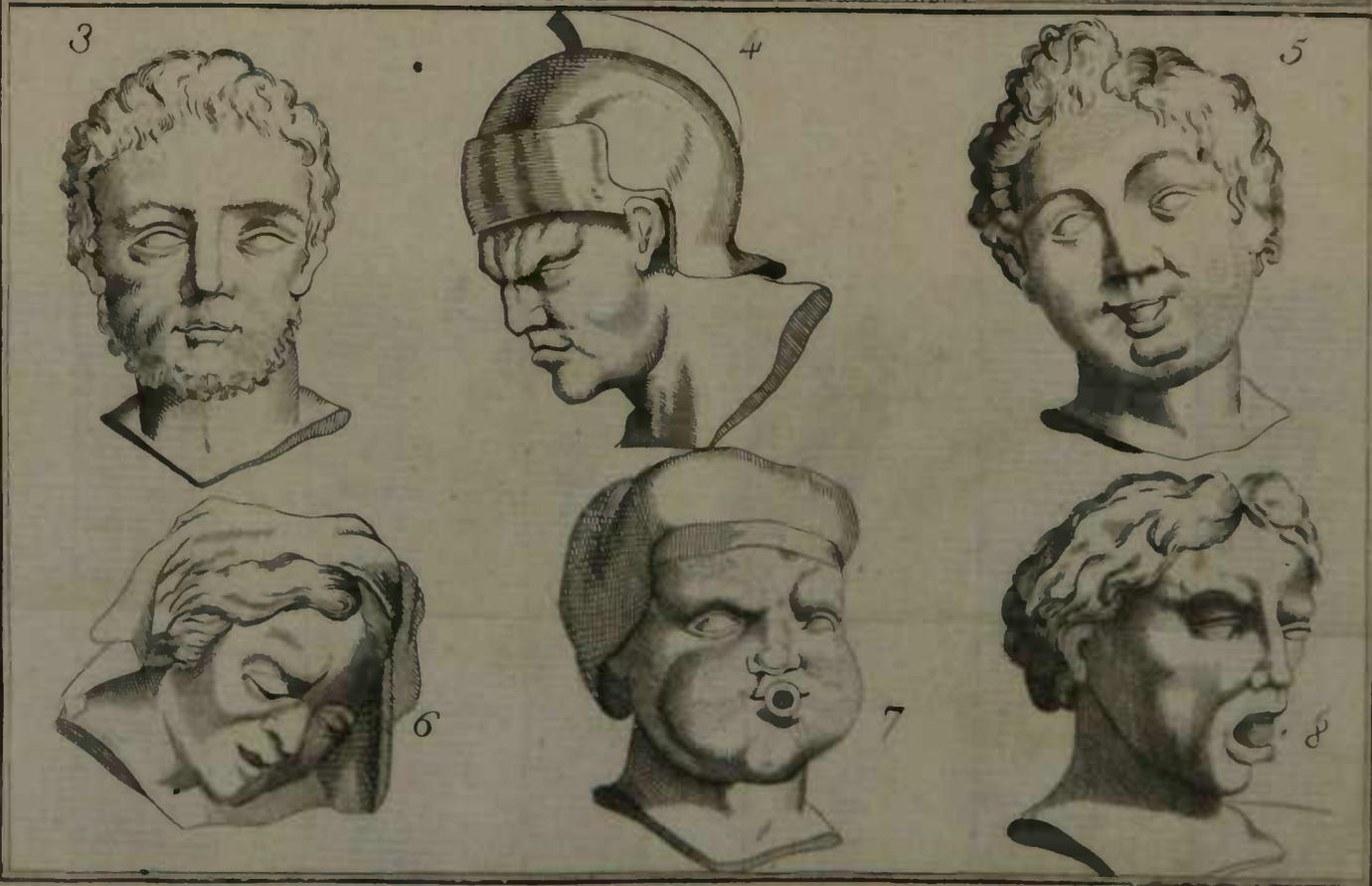
differentemente a esquerda huma figura, que deveria estar a direita do ponto de vista; contentando-se com mudar a sombra conduzida, segundo as leis da perspectiva: vede a Est. IV Fig. 1. e 2.

O melhor modo, e o mais seguro, para desenhar a vista do natural, he pensar sempre em cada parte do corpo, e recordar-se do justo encaixe, e verdadeiras formas, ou contornos sem as variar ou alterar. Porque os que contra-hiraõ hum estilo vicioso peccaõ ordinariamente nisto, vem a ser, alçando ou levantando as partes inteiras do contorno de suas figuras, como se ellas fossem montões grotescos; o que acontece de esbaterem muito; e tornaõ, por assim dizer, imperceptiveis as partes salientes ou os musculos; ao mesmo tempo que outros cahem no deffeito contrario, avivando com força igual todos os musculos, sem deixar algum por pequeno que seja; de modo que suas figuras parecem esfolladas. He necessario pois applicar o maior cuidado e attençaõ sobre a redondeza das partes illuminadas, para polas a principio com as formas do contorno, sem se deixar seduzir pelo que se chama hum modo grande, e desembaraçado, ou pelo que se chama suave e corrente, conformando-se sempre com a verdade da natureza.

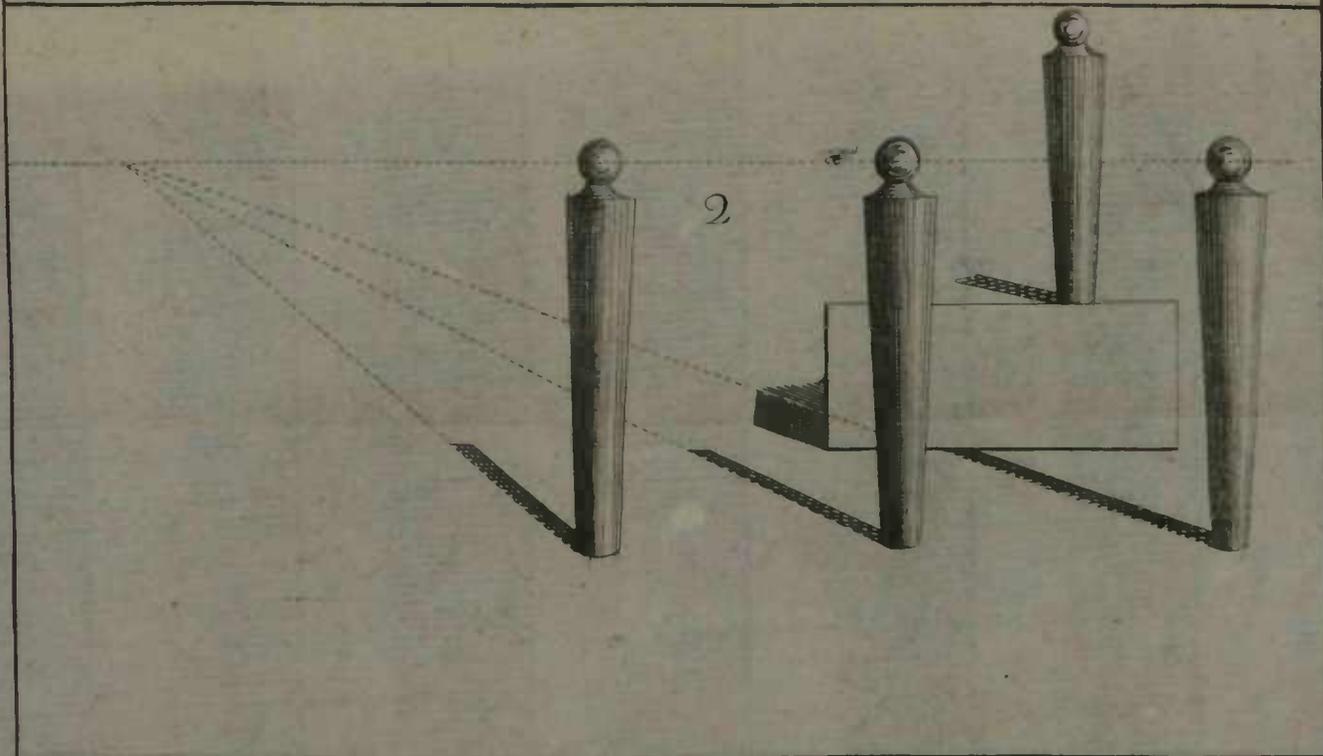
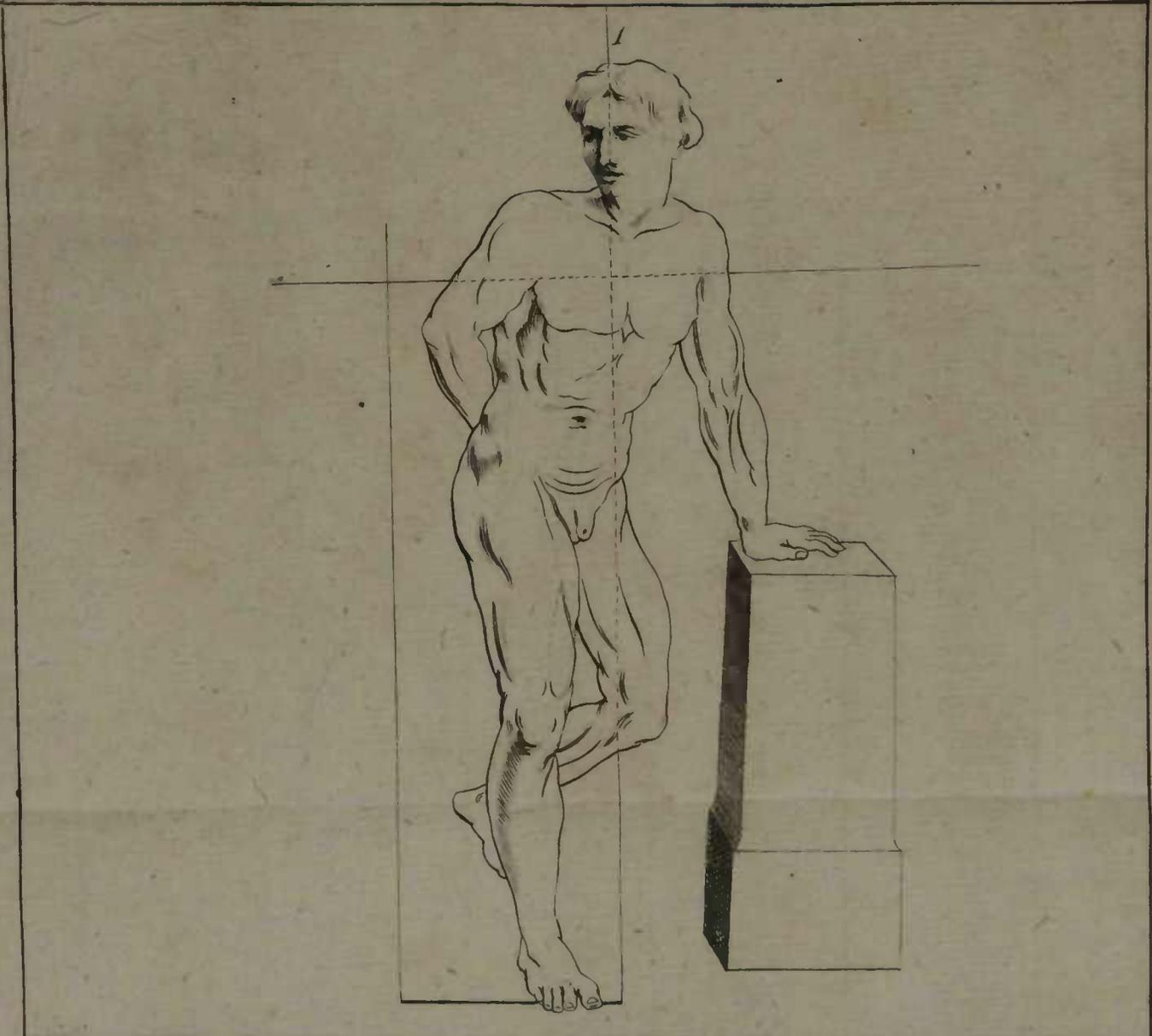
F I M.

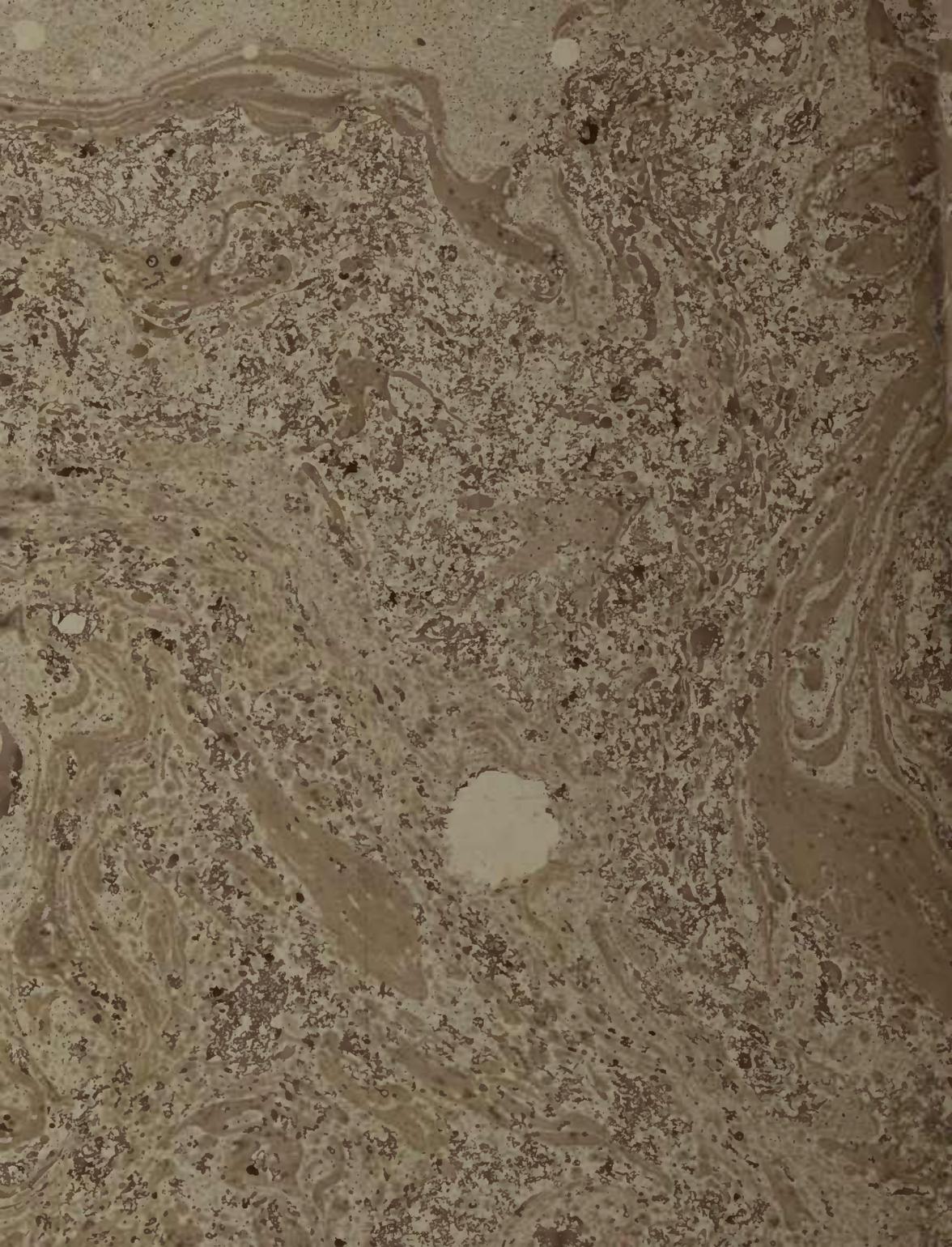


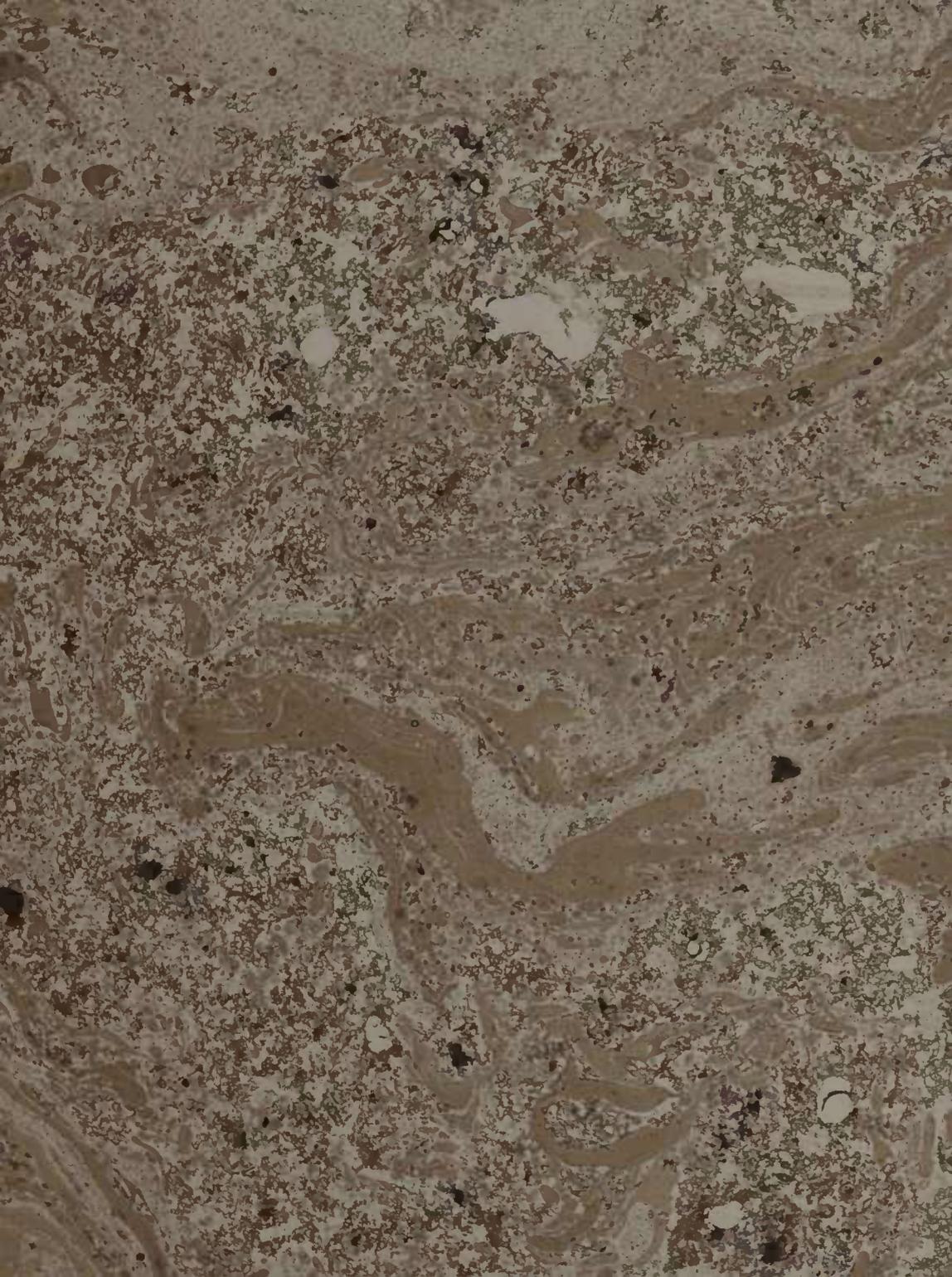


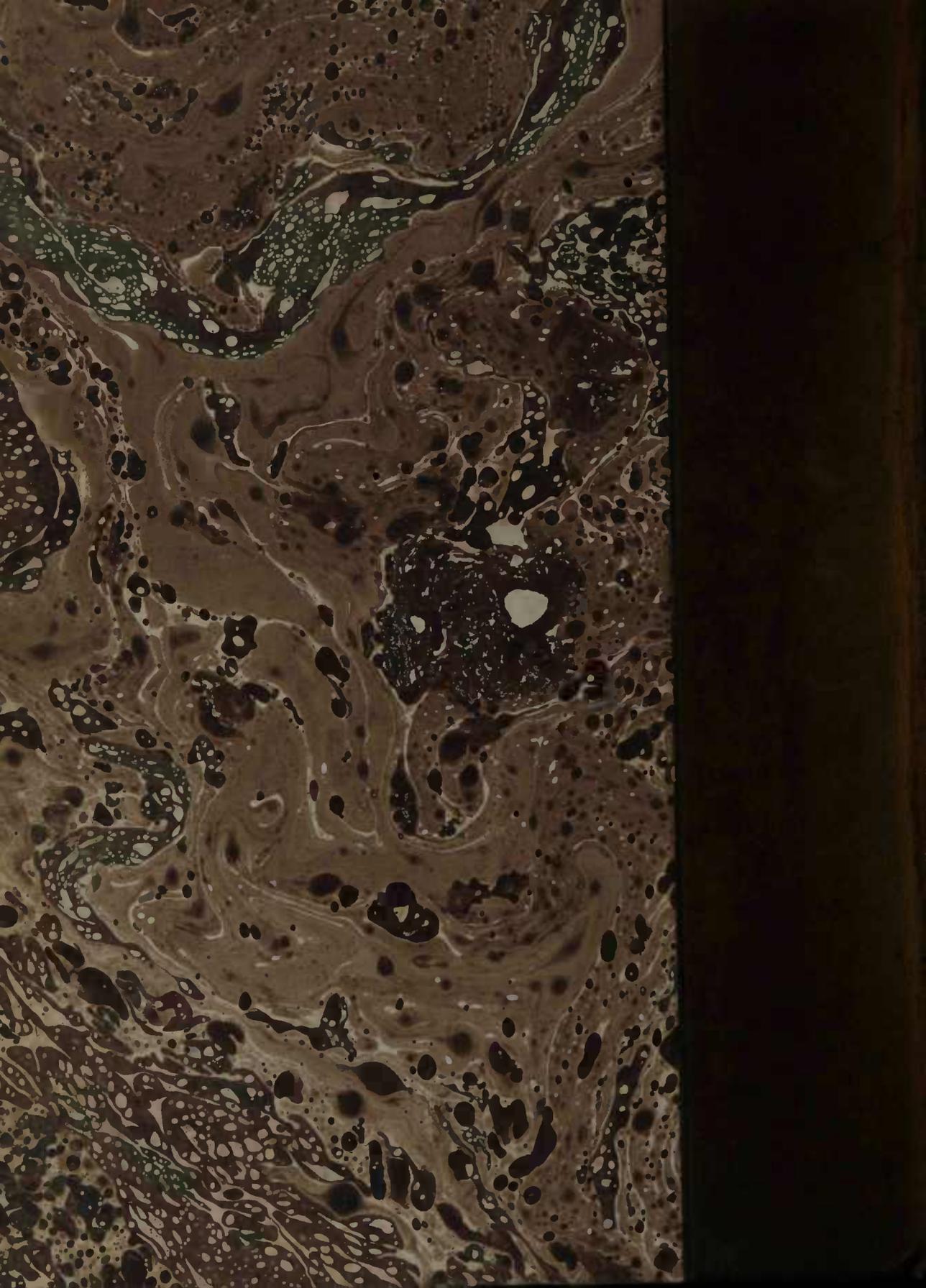


Torzo per natura del corpo









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).